

CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ

**MARIA LAURA GARLA DOS SANTOS DO VALLE
STÉFANI SANTOS DOS ANJOS**

**O USO DO “TIPO” COMO MARCADOR DISCURSIVO NAS OBRAS
HEARTSTOPPER: UMA REPRESENTAÇÃO DA LINGUAGEM NA
ADOLESCÊNCIA**

Ribeirão Preto

2022

**MARIA LAURA GARLA DOS SANTOS DO VALLE
STÉFANI SANTOS DOS ANJOS**

**O USO DO “TIPO” COMO MARCADOR DISCURSIVO NAS OBRAS
HEARTSTOPPER: UMA REPRESENTAÇÃO DA LINGUAGEM NA
ADOLESCÊNCIA**

Trabalho de conclusão de curso de Letras
do Centro Universitário Barão de Mauá
para obtenção do título de licenciatura.

Orientador: Me. Rafael de Almeida Arruda
Felix.

**Ribeirão Preto
2022**

Autorizamos a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

U86

O uso do “tipo” como marcador discursivo nas obras *Heartstopper*: uma representação da linguagem na adolescência/ Maria Laura Garla do Valle dos Santos; Stéfani Santos dos Anjos - Ribeirão Preto, 2022.

53p.

Trabalho de conclusão do curso de Letras do Centro Universitário Barão de Mauá

Orientador: Me. Rafael de Almeida Arruda Felix

1. Uso do “tipo” 2. Gramaticalização 3. Fala dos adolescentes I. Santos, Maria Laura Garla do Valle dos II. Anjos, Stéfani Santos dos III. Felix, Rafael de Almeida Arruda IV. Título

CDU 82.09

Bibliotecária Responsável: Iandra M. H. Fernandes CRB8 9878

**MARIA LAURA GARLA DOS SANTOS DO VALLE
STÉFANI SANTOS DOS ANJOS**

**O USO DO “TIPO” COMO MARCADOR DISCURSIVO NAS OBRAS
HEARTSTOPPER: UMA REPRESENTAÇÃO DA LINGUAGEM NA
ADOLESCÊNCIA**

Trabalho de conclusão de curso de Letras
do Centro Universitário Barão de Mauá
para obtenção do título de licenciatura.

Data de aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Me. Rafael de Almeida Arruda Felix
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

Dra. Elaine Christina Motta
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

Dra. Renata Maria Cortez da Rocha Zaccaro
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

**Ribeirão Preto
2022**

À nossa duplinha, por ser feita de
cumplicidade, amor e surtos.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos às nossas famílias, aos nossos professores, em especial à Érika pelas horas de desabafo, à Elaine que nos deu a ideia de sermos uma dupla (até nisso) e ao nosso orientador Rafael.

Agradecemos, também, à nossa rede de apoio: Iasmim, Camilla, Palloma e à avó da Sté (*in memoriam*), que sempre estiveram ao nosso lado e tornaram todo o processo um pouco mais leve com seu apoio e sua crença em nós.

Agradecemos à nossa amizade, que nos deu força, perseverança e paciência ao longo desse percurso para concluirmos a graduação.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem por objetivo analisar o uso do vocábulo “tipo” na linguagem adolescente por meio das histórias em quadrinhos *Heartstopper* da autora Alice Oseman, cuja linguagem se assemelha à realidade da fala dos adolescentes, sendo marcada por marcadores discursivos, em específico o “tipo” que apresenta inúmeras funções na comunicação entre os adolescentes, sendo estigmatizado, inclusive, sendo um ato característico da fala na adolescência. A narrativa é composta em sua maioria por adolescentes, a pesquisa busca, sob a ótica da sociolinguística, analisar e categorizar os usos, constantes, do vocábulo “tipo” na fala dessa faixa etária. O objetivo é compreender o processo de gramaticalização do vocábulo e quais as suas funções comunicativas na obra, isso, tal comparação é uma representação da linguagem na adolescência. Para a abordagem deste tema, foram apresentados os conceitos da teoria sociolinguística, com enfoque na teoria da variação linguística proposta por William Labov em 1972, o conceito de gramaticalização e o uso de marcadores discursivos como estigma da linguagem. Para a análise dos dados, foram utilizadas quatro funções do vocábulo “tipo”, sendo: preposições exemplificativas, modalizadores, preenchedores de pausa e foco metalinguístico, tendo como base os autores Lima-Hernandes (2005), Castellano (2013) e Levey (2006).

Palavras-chave: Uso do “Tipo”. Gramaticalização. Fala dos adolescentes. Sociolinguística. Marcadores discursivos.

ABSTRACT

The objective of this undergraduate thesis is to analyze the use of the word “tipo” in adolescent language through the comics *Heartstopper* by the author Alice Oseman since the language in use in this story is close to the real adolescents’ speech. The language used by teenagers in their daily life is marked by discourse markers, especially the word “tipo” that has several functions on communication and is considered a characteristic of the language in use during adolescence. Since the narrative is composed mostly of teenagers, this research is aimed at analyzing and categorizing the constant uses of the expression “tipo” in this age group based on the sociolinguistic. The main objective of the research is to understand the process of grammaticalization of the expression and what are the functions of this word in the graphic novel as a representation of the language used by teenagers. To approach this topic, the concepts of the sociolinguistic theory were presented, focusing on the theory of linguistic variation proposed by William Labov in 1972, on the concept of grammaticalization and the use of discourse markers as a language stigma. Four functions of the word “tipo” were used for data analysis: exemplifying prepositions, modalizers, pause fillers and metalinguistic focus, all of them being based on researches from the authors Lima-Hernandes (2005) and Castellano (2013), who described the concept of grammaticalization and the use of “tipo”, and Levey (2006), who analyzed the use of “like” in teenagers’ speech since the word corresponds to the one analyzed in Portuguese.

Keywords: Use of “tipo”. Grammaticalization. Adolescents’ speech. Sociolinguistics. Discourse markers.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Número de ocorrências dos vocábulos

48

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 ASPECTOS TEÓRICOS: A SOCIOLINGUÍSTICA	14
2.1 Teoria da Variação Linguística de William Labov (1972)	18
2.1.1 Variável, variante, variação, variedade e mudanças linguísticas	21
2.2 O conceito de Prestígio e Não-Prestígio	25
2.3 Fala dos adolescentes	26
3 MARCADORES DISCURSIVOS	29
3.1 Gramaticalização	31
3.2 Uso do “tipo”	34
4 USO DO “TIPO” NA OBRA DE HEARTSTOPPER	37
4.1 Metodologia e análise de dados	38
4.1.1 Preposições exemplificativas	39
4.1.2 Modalizadores	41
4.1.3 Preenchedores de pausa	43
4.1.4 Foco metalinguístico	45
4.2 Ocorrências dos vocábulos	47
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	51

1 INTRODUÇÃO

Assim como o ser humano, a língua, por ele utilizada, não deixou de evoluir com o tempo, adequando-se às suas necessidades expressivas e às suas necessidades comunicativas. Com a evolução linguística marcada pela influência social, as áreas propostas por pesquisadores, como o estruturalista Saussure e o gerativista Chomsky pareciam não mais abranger todos os aspectos que precisavam ser levados em consideração ao se realizar a análise linguística. Para o estruturalista, a língua era entendida como uma estrutura, analisada em sua forma, enquanto, para o gerativista, a linguagem era inata ao ser humano e suas regras eram descritas por meio de construções gramaticais (PEREIRA, 2014).

É nesse contexto que a sociolinguística surge, sendo abordada principalmente por William Labov (2008) em sua teoria da variação linguística, iniciada no ano de 1972. A sociolinguística corresponde à área de estudos da língua cujo enfoque está nas relações entre língua e sociedade, assim, aproximando os fenômenos linguísticos de seu papel na vida social (ETTO, 2018).

De maneira ampla, a área preocupa-se não apenas com a variação linguística, mas também com fatores, como: o preconceito linguístico, estudado amplamente por Marcos Bagno (2012), e a estigmatização a partir da língua utilizada. Considerando os fatores apresentados, é possível compreender as influências das comunidades de fala na linguagem utilizada por grupos de sujeitos que compartilham das mesmas normas acerca da língua, como define Labov (2008).

Uma importante comunidade de fala para os estudos, é a que abriga adolescentes. Para o Brasil (2007), a adolescência corresponde ao período da vida do ser entre os 12 e os 18 anos. Esses sujeitos são muitas vezes estigmatizados pela sociedade devido à língua utilizada, utilizando marcadores discursivos, gírias e neologismos, a estigmatização linguística refere-se aos usos que fogem à variante padrão, considerada conservadora e tida como uma variação de prestígio da língua.

Portanto, entende-se que as variações de não-prestígio e, conseqüentemente, a estigmatização, atrelam-se à imagem marginalizada, seja social ou seja linguística (LEAL; MORAIS, 2017). No entanto, é a partir da população adolescente que surge parte das inovações linguísticas, a partir do uso de gírias, de marcadores discursivos e, principalmente, de inovações utilizadas por eles.

É notável a estigmatização da fala adolescente na obra *O diário de Tati* (2003), por exemplo. No livro, destinado ao público juvenil, a autora tem a intenção de retratar a protagonista Tati, uma adolescente, utilizando recursos linguísticos como o termo "tipo" nas passagens abaixo:

(1) "Fala sério, a vida te reserva tantas coisas maneiras, que cara, é lace você guardar isso - não só na memória, mas tipo assim, escrevendo mesmo. A partir de hoje eu vou ter mais esse grande amigo na minha vida que é você, Diário" (PÉRISSÉ, 2003, p. 5).

(2) "Quando ganhei o pião, pulei no pescoço dela e disse que era tudo o que eu mais queria. Cara, minha bisa é uma figura. Ela tem uns cabelos na cara, tipo uma barba, que espetam pra caramba. Minha mãe diz que isso é coisa da idade. Não sei não, eu fico morrendo de medo de ser hereditário" (PÉRISSÉ, 2003, p. 43).

(3) "Acordei hoje pensando no Zeca. Aí, cara, aconteceu uma parada tipo sinistra, o telefone tocou e era Titi, pra me falar de quem? Dele mesmo, Zeca. Ela contou que ele passa o tempo todo pedindo o telefone da Mary Jane pra ela. Isso tá me deixando muito confusa!" (PÉRISSÉ, 2003, p. 47).

Para Lima-Hernandes (2005) que cita McMahan (1996), gramaticalização corresponde ao processo de mudança pela qual itens lexicais passam a fim de desempenharem funções de estratégias comunicativas, como traz Castelano (2014):

[...] processo de gramaticalização ocorre quando itens lexicais e construções sintáticas passam a desempenhar funções referentes à estratégia comunicativa. A principal característica desse processo é a unidirecionalidade, pois esses elementos assumem funções gramaticais em determinados contextos e, uma vez gramaticalizados, dão continuidade ao processo, desenvolvendo outras funções gramaticais (CASTELANO, 2014, p. 36).

Partindo dos conhecimentos sobre gramaticalização e sobre a estigmatização da fala de adolescentes, o presente estudo tem como objetivo a língua presente na obra *Heartstopper* de Alice Oseman, dada a importância da obra no meio jovem pela representatividade apresentada em diversos quesitos que rodeiam a vida dos jovens que Alice Oseman retrata. Durante os quatro livros da série são apresentadas temáticas como: sexualidade, autoconhecimento, relacionamentos e saúde mental, com enfoque no público jovem.

Além da importância social da obra, é possível notar sua importância linguística, seja em seu idioma original ou em sua tradução para o português. A obra, seja qual for o idioma, utiliza os quadrinhos como uma maneira de representar a fala das personagens que são, em sua maioria, adolescentes e, para isso, utiliza recursos como o "tipo" enquanto marcador discursivo.

Em língua inglesa, a autora britânica optou por utilizar nos quadrinhos o vocábulo "*like*" como uma maneira de representar a linguagem falada. Stephen Levey

(2006), pesquisador de língua inglesa, aborda em sua pesquisa a ampla utilização do termo de novas maneiras entre pré-adolescentes dos centros urbanos e o processo de gramaticalização sofrido pela palavra.

A tradução de Guilherme Miranda substituiu o termo “*like*” pelo termo “tipo”, objeto de estudo deste trabalho. O tradutor é conhecido por trazer para a língua portuguesa, principalmente, obras juvenis e com personagens LGBTQIA+ sob o selo da editora Seguinte.

A partir disso, definiu-se o objetivo principal da pesquisa: compreender o processo de gramaticalização do vocábulo utilizado na obra e as funções de estratégia comunicativas mais recorrentes na obra por ele adquiridas em diversos contextos exemplificativos na fala de adolescentes. Para atingir o objetivo proposto, foi analisado o uso do “tipo” nas obras *Heartstopper* e, então, realizada a análise de natureza qualitativa e de cunho descritivo, a fim de esclarecer conceitos e analisar as ocorrências do vocábulo. Ao fim, a pesquisa, sob a ótica da sociolinguística, se estrutura em três capítulos principais.

Na primeira parte, os estudos sobre a teoria sociolinguística e a teoria da variação linguística de Labov foram aprofundados, assim como conceitos importantes para o decorrer do processo de escrita. Dessa maneira, estabelece-se maior base para a pesquisa apresentada nos capítulos subsequentes. O segundo capítulo do trabalho apresenta o conceito de marcadores discursivos, variação de prestígio e não-prestígio e o processo de gramaticalização, para que em seguida o uso do vocábulo “tipo” seja explorado mais amplamente. Por fim, a terceira parte corresponde à pesquisa do vocábulo dentro da obra *Heartstopper*, analisando de maneira qualitativa e descritiva do uso de “tipo” pelas personagens.

2 ASPECTOS TEÓRICOS: A SOCIOLINGUÍSTICA

A sociolinguística é uma ciência autônoma e interdisciplinar que surgiu por volta do século XX, mesmo que já houvesse vários linguistas que já desenvolviam seus estudos e trabalhos com a teoria de natureza sociolinguística, como é o caso de Meillet e Bakhtin, ambos membros do Círculo Linguístico de Praga. De acordo com Bortoni-Ricardo (2014) foram esses os pensadores que começaram a levar em conta o contexto sociocultural e a comunidade da fala em suas pesquisas, eles não dissociavam o material da fala do produtor, no caso o falante, muito longe disso, ponderavam de maneira relevante para examinar as condições nas quais a fala era produzida.

A obra *Para conhecer Sociolinguística* (2015) apresenta uma breve contextualização referente à corrente de estudos de mesmo título. De acordo com os autores, antes que a sociolinguística surgisse, o pensamento mantido era baseado nas teorias de Saussure, que considerava a língua como mais fixa e menos mutável – por seguirem uma norma e ter a fala mais fluida –, por entendê-la a partir de estruturas, além de estabelecer em sua teoria separações entre língua e fala, para que se concentrasse na análise da língua por si e em si.

Com o passar dos anos, Mikhail Bakhtin surge para defender a ideia do caráter social da língua por meio das circunstâncias que rondavam as interações verbais. Ainda no caráter situacional da linguística, Jakobson criticou a homogeneidade, até então, definida da língua, sugerindo a existência das situações e comunidades de interação em que o sujeito poderia estar inserido para que suas escolhas fossem feitas.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2014), durante o tempo em que a teoria da sociolinguística se solidificava, voltou-se majoritariamente para a descrição dos fenômenos e da variação em processos de mudança, inerentes à língua, aos poucos foi se expandindo para outras áreas da linguagem humana, a autora cita, ainda, o autor John Gumperz (1966):

Desde meados dos anos 1960, quando o termo “sociolinguística” apenas começava a ser aceito, essa disciplina vem ampliando seus objetivos iniciais de investigação, muito além da explicação dos processos de mudança e difusão linguísticos. Na atualidade, especialmente durante a última década, converteu-se em uma disciplina central, preocupada com todos os aspectos da comunicação verbal nas sociedades humanas. Em particular, com as formas como a comunicação influi e reflete as relações de poder e dominação, com o papel que a linguagem joga na formação e perpetuação

de instituições sociais, assim como, com a transmissão da cultura (GUMPERZ, 1996 *apud* BORTONI-RICARDO, 2014, p.14).

No livro *Para Conhecer Sociolinguística*, os autores afirmam: "como o nome sugere, a Sociolinguística é uma área da Linguística que estuda a relação entre a língua que falamos e a sociedade em que vivemos" (COELHO *et al.*, 2015, p. 14). Deste modo, a palavra, sociolinguística, já sugere ser uma área que estuda a relação entre a língua e a sociedade presente na nossa vida.

É necessário que abandonemos a ideia de que a língua é uma estrutura pronta, acabada e não suscetível a variações e a mudanças, pois a realidade das pessoas é um fator muito importante, visto que a esse fator influencia muito na maneira que as pessoas falam e avaliam a língua que usam, principalmente, a forma que avaliarão o jeito que as pessoas ao seu redor utilizam a língua.

Assim como concebem Coelho *et al.* (2015, p. 14): "para conhecer a Sociolinguística, é necessário, antes de mais nada, 'abrir a cabeça' para aceitar a língua que está sendo usada à nossa volta como um objeto legítimo de estudo." a pesquisa realizada visa considerar a sociedade e sua influência na língua para torná-la o objeto principal de seu estudo.

A sociolinguística é uma corrente linguística que visa o estudo da língua, em seu uso cotidiano, com foco nas comunidades da fala, investigando os aspectos linguísticos e sociais da fala. A ciência se mostra interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, tendo seu principal foco nos empregos linguísticos concretos, especialmente, os caracterizados pela heterogeneidade (MOLLICA, 2010).

Comunidade de fala é um dos conceitos estudados pela sociolinguística, tal conceito se refere a um retrato da união dos aspectos sociais, políticos e linguísticos que marcam uma determinada comunidade a ser analisada pela sociolinguística. No entanto, a conceituação passou por diversos autores e, por tal fato, as definições do conceito podem possuir enfoques variados.

Para Labov (2008), a definição de comunidade de fala é aquela em que os indivíduos compartilham uma determinada norma e atitudes na sociedade quando apresentados a ela, como se observa no trecho retirado do livro *Padrões Sociolinguísticos*.

Esses resultados sustentam outras evidências que incidem sobre a definição de uma comunidade de fala. [...] uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todas as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua (LABOV, 2008, p.188).

Para o autor, a consciência linguística do falante é prioridade na comunidade de fala, sem ser desvinculada de seus aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos. Na conceituação laboviana, a comunidade de fala deve ser analisada considerando todos os aspectos que a compõem enquanto objeto de estudo da sociolinguística e seu instrumento comunicativo, a língua. A comunidade é homogênea, devido à consciência de atitude dos falantes, enquanto a língua é um sistema heterogêneo, por suas variações.

Ao se analisar o conceito de comunidades de fala, é possível dividi-lo em dois níveis: as redes sociais e as comunidades de prática. Para Vanin (2009), o primeiro diz respeito às relações existentes entre o falante e os outros indivíduos ao seu redor, as dinâmicas provenientes de tais relacionamentos e seus comportamentos sociais e linguísticos, mesmo que esse último possa não ser amplamente compartilhado entre todos os indivíduos que compõem a mesma rede social, já que se baseia nas ligações humanas.

Ainda de acordo com a autora, o conceito de comunidade de prática está relacionado ao alcance significativo que as variantes linguísticas podem conseguir a partir das redes sociais. Com esse micronível, pretende-se determinar os locais interacionais e de que forma os significados e elementos linguísticos se constroem, assim como as mudanças linguísticas (MILROY, 2004 *apud* VANIN, 2009). Entende-se que, para as comunidades de prática, há maior engajamento social e linguístico entre os membros que a compõem, os repertórios e as características são compartilhados entre eles e a ligação entre a língua e a sociedade passa a ser direta quando analisadas.

A fim de entender o conceito de comunidades de prática, é necessário saber sobre a existência de três ondas da sociolinguística. De acordo com Veloso (2014), com o desenvolvimento da ciência nos anos 1960, surge a primeira onda de estudos focada no desenvolvimento do quadro geral sociolinguístico, alicerce para os estudos variacionistas e labovianos. Nesse período, os estudos sobre a hierarquia presente na fala e sobre o estilo e sua ligação com o prestígio eram o grande enfoque da ciência.

A segunda onda sociolinguística diz respeito às pesquisas etnográficas, retratando as variáveis linguísticas de forma local e em como a fala assumia seu valor social de acordo com as dinâmicas de localidade (VELOSO, 2014), um exemplo dessa onda é a pesquisa na ilha de Martha's Vineyard realizada por Labov. Portanto, a

segunda onda da sociolinguística caracterizava-se principalmente pelos estudos definidos geograficamente e pelo estilo como um ato de pertencimento a uma determinada localidade.

Por fim, a terceira onda, a mais atual delas, de acordo com Veloso (2014), essa diz respeito à possível análise e compreensão do significado social da variação e em como a construção de estilos é feita a partir da sociedade que rodeia o falante. Dessa forma, Veloso (2014) afirma:

Assim, a sua proposta inovadora para a teoria sociolinguística é analisar a variação na prática estilística. É observar, na prática linguística cotidiana, que variáveis assumem significados específicos, de acordo com o posicionamento de quem as usa nas diversas interações sociais nas quais se envolve (VELOSO, 2014, p. 5).

Dessa maneira, a terceira onda sociolinguística está diretamente relacionada ao conceito de comunidades de práticas, que julga ser primordial aos estudos da época. De acordo com Veloso (2014), os significados das variáveis são construídos quando na prática estilística os recursos são associados para que o falante seja capaz de se expressar por meio do estilo como um todo, como a vestimenta, a postura e a linguagem.

Retomando a caracterização acerca da sociolinguística proposta por Mollica, é possível entender que sua definição de “caráter heterogêneo” diz respeito ao dinamismo inerente às línguas, às diferentes formas vocabulares, às semânticas ou às morfossintáticas que são equivalentes. Dessa forma, a corrente linguística apresentada tem como seu principal objeto de estudo as comunidades de fala.

Para complementar a teoria de caráter heterogêneo, a autora Bortoni-Ricardo (2014) afirma que o relativismo cultural é de suma importância para essa teoria, na qual a manifestação da cultura privilegiada na sociedade não é intrinsecamente superior a outras. Desse modo, a premissa relativista aplica-se a comparação entre outras línguas, advindo da crença do reconhecimento da existência de muitas variedades, da heterogeneidade ordenada e no domínio de qualquer língua natural.

Vários linguistas estrangeiros ampliaram esse escopo da premissa relativista, com o intuito de realizar comparações entre as variedades de uma língua e, até mesmo, entre os estilos de repertório dos falantes (BORTONI-RICARDO, 2014). Ainda nessa área, os grupos sociais e as comunidades são de fundamental importância para que os estudos aconteçam, já que deles dependem as mudanças e

os diferentes comportamentos linguísticos. Sem eles, não haveria necessidade de se analisar a sociedade sob a ótica da sociolinguística (MOLLICA, 2010).

Para que se compreenda melhor a sociolinguística em uso, é de suma importância reconhecer as distinções entre a modalidade escrita e oral da língua, a fim de evitar preconceitos sociais e linguísticos. A oralidade é a modalidade em que a língua está mais sujeita ao momento e às construções realizadas pelo falante, é nela que mais encontramos intervenções e variedades adicionadas de acordo com o contexto de realização da comunicação. O dinamismo é maior, assim como o apoio contextual e apoio linguístico disponíveis para que falante e ouvinte possam se comunicar naquele contexto em que se inserem.

Para Bortoni-Ricardo (2014, p. 21), “podemos mesmo dizer que, quanto mais apoio contextual tem um falante, menos necessidade esse falante terá de precisão lexical, e a recíproca é verdadeira”, partindo dessa reflexão feita pela autora, chega-se à conclusão de que: quanto maior for a precisão lexical na escrita maior será a necessidade de planejamento e formalidade.

2.1 Teoria da Variação Linguística de William Labov (1972)

Antes que a Teoria da Variação Linguística de William Labov (1972) destacasse na linguística moderna, outros grandes nomes da área produziram suas próprias teorias. Duas grandes abordagens precederam o surgimento da teoria de William Labov, são elas o estruturalismo de Saussure e o gerativismo de Chomsky. Tais obras foram responsáveis pelo maior destaque e projeção da linguística moderna.

De acordo com Pereira (2014), Saussure, com a teoria estruturalista, elevou a linguística ao campo científico pleno, com seus métodos e objetivos muito bem definidos, principalmente durante o início do século XX. Em obra póstuma, os estudos de Ferdinand de Saussure foram publicados por seus alunos no famoso livro *Curso de Linguística Geral*, por esses estudos o linguista apresentava as principais dicotomias estudadas pela área e elegia a língua como o objeto central de estudo da linguística. Sob essa perspectiva sistêmica do estruturalista e como prevê o nome da corrente, o estruturalismo fundamenta-se na estrutura da língua e os sistemas que a formavam.

Com Chomsky, o pesquisador gerativista, a ciência ganhou maior sofisticação. De acordo com Pereira (2014), o teórico propôs que a linguagem é um

componente universal e inato da espécie humana, que suas regras podem ser descritas por meio da análise das construções gramaticais, em uma forma de estruturalismo também, no entanto de forma inata. Em sua perspectiva, as noções gramaticais são internalizadas ao ser humano e, portanto, são chamadas de línguas internalizadas, por meio desse pesquisador surgem as teorias de predisposição inicial para que uma língua seja adquirida.

Entretanto, ambas teorias não levam em consideração a constituição heterogênea do sistema da língua e deixam de dar maior importância ao estudo das possíveis influências externas (familiares, sociais, ideológicas etc.), não consideram, também, as variações, as influências típicas da fala ou os elementos presentes nela. Assim, a variabilidade, o valor social das formas linguísticas e o estudo empírico ficaram de fora desses estudos.

Dessa maneira, surge Labov com uma resposta à teoria saussuriana e ao modelo chomskiano. O estadunidense William Labov (2008) acredita que existem barreiras ideológicas que impedem o pleno estudo da língua em seu uso na vida diária, para ele as pesquisas existentes não contemplavam o que se chamava de “aspecto rebelde do cotidiano”:

Uma simples revisão da literatura me convenceria de que tais princípios empíricos não tinham lugar na linguística: existiam diversas barreiras ideológicas para o estudo da língua na vida diária. Primeiramente, Saussure tinha enunciado o princípio de que os sistemas estruturais do presente e as mudanças históricas do passado tinham de ser estudadas separadamente (1949: 124) (LABOV, 2008, p. 13-14).

Ao levar em consideração que a língua possibilita ao falante diversas formas de expressar o que deseja para que se obtenha os mesmos significados, sem que a sistematicidade seja perdida. De acordo com Silva (2011), a nova visão obtida por Labov sobre a estrutura linguística, assim como as variações e mudanças, é chamada de “Teoria da Variação Linguística” ou “Teoria Variacionista”, modelo capaz de observar e de descrever a língua falada em seu contexto social, nas diferentes situações reais de seu uso.

Para Labov (2008), no modelo de estudo já existente em sua época, a linguística gerativa, havia a falta da relação entre língua e sociedade, para as análises realizadas com o intuito de sistematizar as variações da língua falada, sendo assim, ele propôs o sistema que relacionava fatores extrínsecos, como: idade, gênero etc. à maneira como o falante utilizava a língua na comunicação em oposição ao sistema

estrutural que criticava, devido à incoerência que via ao perceber os processos de mudanças da língua e a continuidade do seu uso estrutural em relação a essas:

Afinal, se uma língua tem de ser estruturada, a fim de funcionar eficientemente, como é que as pessoas continuam a falar enquanto a língua muda, isto é, enquanto passa por períodos de menor sistematicidade? [...] A solução, argumentaremos, se encontra no rompimento da estruturalidade [*structuredness*] com homogeneidade. A chave para uma concepção racional de mudança linguística - e mais, da própria língua - é a possibilidade de descrever a diferenciação ordenada numa língua que serve a uma comunidade (LABOV, 2008, p. 16).

William Labov (2008) propõe que os estudos sociolinguísticos devem entender o desenvolvimento de uma mudança linguística levando em consideração a sociedade em que ela ocorre, as pressões sociais que a influenciam de forma ativa e presente. Em sua visão, o linguista norte-americano afirma que não existe uma comunidade homogênea, que fale de forma igual ou, até mesmo, um falante/ouvinte que seja ideal aos modelos já mencionados (saussuriano e chomskiano).

Ao contrário disso, a comunidade é heterogênea e há variação e estruturas diversas na fala. A variação inerente à comunidade da fala, comprova que não há como dois falantes terem a mesma forma de expressão, do mesmo modo que um falante não consegue se expressar da mesma maneira em diversos eventos de comunicação, nada será igual (COELHO *et al.*, 2010).

Para teóricos variacionistas, como Labov, Weinreich e Herzog (2006), as mudanças e variações linguísticas são inerentes à língua e os fenômenos culturais sistemáticos são necessários para o funcionamento e para a manutenção da heterogeneidade da língua.

O foco dos estudos de Labov (2008) são as regras variáveis da língua, que permitem que a fala se altere de acordo com fatores linguísticos e extralinguísticos, ou seja, que se adapte à situação na qual é necessitada. Em sua principal obra, *Padrões sociolinguísticos*, Labov realizou, relacionou e analisou dados obtidos em pesquisas sociolinguísticas, levou em consideração os fatores extralinguísticos que envolvem as variantes analisadas. Para os autores da obra *Para conhecer sociolinguística*, não é qualquer forma que poderá assumir o papel de uma variante, a regra variável ainda é uma regra gramatical e, de tal maneira, é condicionada a sofrer com as restrições do sistema linguístico.

Um dos exemplos das análises realizadas por Labov (2008) é o estudo das mudanças fonéticas, realizado na Ilha de Martha's Vineyard, relacionadas aos

ditongos /ay/ e /aw/ na língua inglesa. Para essa análise, o pesquisador buscou entender a mudança sonora em relação ao contexto social em que ela ocorre, a partir de fatores extralinguísticos com a finalidade de relacionar padrões linguísticos ao histórico da mudança sonora em foco:

Estudando-se a frequência e distribuição das variantes fonéticas de /ay/ e /aw/ nas diversas regiões, faixas etárias, grupos profissionais e étnicos dentro da ilha, será possível reconstruir a história recente dessa mudança sonora; correlacionando-se o complexo padrão linguístico com diferenças concomitantes na estrutura social, será possível isolar os fatores sociais que incidem diretamente sobre o processo linguístico. Espera-se que os resultados desse procedimento contribuam para nossa compreensão do mecanismo da mudança linguística (LABOV, 2008, p. 190).

A partir dos estudos realizados, o autor entende que não se pode chegar ao desenvolvimento de uma mudança linguística sem que os aspectos sociais, como a vida social de uma comunidade, sejam considerados também (LABOV, 2008). Entende-se, a partir disso, que a sociedade participa ativamente dos processos linguísticos, é uma força social em um processo contínuo de influências e variações.

Seguindo o que foi desenvolvido por Labov, a autora Mollica atesta que é possível afirmar que a sociolinguística está interligada com a noção de variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, sendo sua descrição e análise científica por meio da influência dos fatores estruturais e sociais da fala (MOLLICA, 2010). Para que as noções de variabilidade linguística possam ser trabalhadas em concordância com os grupos e com as comunidades, é necessário primeiro estabelecer alguns conceitos importantes para a teoria variacionista da sociolinguística.

2.1.1 Variável, variante, variação, variedade e mudanças linguísticas

Os conceitos de variável e variante são muito próximos. O primeiro diz respeito à posição ou ao lugar gramatical em que a variação está inserida, por exemplo, a expressão pronominal da segunda pessoa do plural ao referenciar a intercambialidade dos pronomes “tu” e “você” (COELHO *et al.*, 2015), no livro já citado teríamos a posição dos substantivos quanto às suas variações em uso.

O conceito de variante refere-se às formas individuais que podem ser trocadas entre si, consideradas sinônimos naquele contexto e que concorrem pela expressão da variável. Para o primeiro exemplo, tem-se os pronomes “tu” e “você” e para o segundo as formas de se escrever o substantivo “rúgbi” ou “rugby”. As variantes

linguísticas são opções de poder falar a mesma coisa de diversas formas, e de inúmeros jeitos, que podem, ainda, distinguir sua estilística ou sua significação social (COELHO *et al.*, 2015).

As regras variáveis da língua são sistemáticas, pois indicam os padrões sociais, linguísticos e estilísticos. Os autores afirmam que o termo “padrão” nesse caso, é entendido como “uso frequente” ou “uso regular” em relação a uma variante, é uma tendência de comportamento linguístico. Entretanto, há uma grande preocupação quanto à marcação explícita de concordância em contextos que pedem mais formalidade, que é necessário maior nível de atenção a sua fala, há também uma menor preocupação quanto ao uso de menor marcação explícita em contextos que a tendência é ter conversas mais informais, onde não é necessário monitorar sua fala (COELHO *et al.*, 2015).

Para Labov (2008), o conceito de fala monitorada, *careful speech*, ocorre em codependência com o contexto discursivo em que o estilo de fala normalmente ocorre. Na fala monitorada, o sujeito prestará mais atenção à própria fala e empregará o estilo que julgar ser mais bem aceito para aquele momento. Para exemplificar, em uma entrevista formal de emprego a língua utilizada pelo falante, provavelmente, será diferente daquela utilizada pelo mesmo indivíduo em uma roda de conversa entre amigos, na qual será utilizada a chamada fala casual, *casual speech*.

Nessas situações mencionadas, nasce o julgamento à língua e ao falante, com isso, surge também as situações que causam a existência e a perpetuação do preconceito linguístico. Dessa forma, os falantes argumentam, de forma infundada, que determinadas construções da fala são "erradas", abrindo espaço para a segregação de quem as usam. Os estudos da sociolinguística são cruciais para problematizar esse comportamento, o papel desses estudos é problematizar que há uma maneira certa de se falar.

Diversas pesquisas já constataram que não há um jeito certo e um jeito errado nas formas variáveis da nossa língua, portanto, não há como afirmar que uma seja melhor ou mais correta que a do próximo, ou então, que seu uso é relacionado com a capacidade cognitiva do falante (COELHO *et al.*, 2015). Contudo, a forma padrão da língua pode ser capaz de prover benefícios ao falante por ser considerada a forma de prestígio dentro da sociedade.

Felizmente, esse estudo não se trata da manutenção do preconceito linguísticos, vai além, trata-se do significado social da variação, pois ela denuncia

amplamente quem somos: de onde viemos, nossa idade, nossa inserção na cultura, nossas atitudes em relação a determinados grupos. O mais interessante disso tudo é integrar o valor do significado social das formas ao programa de estudos da sociolinguística (COELHO *et al.*, 2015).

De acordo os autores do livro *Sociolinguística* (COELHO *et al.*, 2010) a variação é algo inerente às línguas, não comprometendo o funcionamento do sistema linguístico e nem a possibilidade de comunicação entre os falantes. Dessa forma os autores afirmam:

[...] palavras ou construções em variação, em vez de comprometerem o mútuo entendimento, são ricas em significado social, e têm o poder de comunicar a nossos interlocutores mais do que o significado representacional pelo qual “disputam”. As diferentes formas que empregamos ao falar e ao escrever dizem, de certa forma, quem somos: dão pistas a quem nos ouve ou lê sobre (i) o local de onde viemos, (ii) o quanto estamos inseridos na cultura letrada dominante de nossa sociedade, (iii) quando nascemos, (iv) com que grupo nos identificamos, entre várias outras informações (COELHO *et al.*, 2010, p. 25).

Para a sociolinguística, o fenômeno da variação é entendido como o processo no qual mais de uma forma pode ocorrer em um mesmo contexto e com significados iguais. “Seu objetivo é descobrir quais os mecanismos que regulam a variação, como ela interage com os outros elementos do sistema linguístico e da matriz social em que ocorre e como que ela pode levar à mudança na língua” (COELHO *et al.*, 2010, p. 26). Para a língua portuguesa, é possível observar a coexistência harmônica entre os termos “pra” e “para”, em que ao utilizarmos qualquer um deles não há como o outro ser considerado irrelevante para o idioma.

Coelho e demais autores (2010), também comentam que a variação é, erroneamente, considerada um mero acidente da nossa língua, pois o seu sistema descrito é livre, muito mais abstrato que a fala. Os autores também criticam o fato de que muitos cidadãos pensam que ao falarem “nós vai”, terão menos capacidade de pensar e de se expressar em relação ao falante que possui maior domínio da norma-padrão, sendo a forma “nós vamos”, o que mostra a contribuição da corrente sociolinguística para o combate ao preconceito linguístico.

Existem diversos fatores que podem influenciar a escolha de um ou outro termo para o falante, mas independente de qual seja não é possível classificar a convivência das formas como marginal, acidental ou irrelevante. O processo descrito é advindo do idioma e não interfere em sua existência, já que apesar das diferenças na fala ainda há entendimento (COELHO *et al.*, 2015).

Na tradução do livro *Heartstopper: dois garotos, um encontro*, a tradução recorreu ao uso dos vocábulos “rúgbi”, e “*drop goal*”, quando existem também os termos “rugby” e “pontapé de ressalto” na língua portuguesa para as respectivas definições explicadas pelo protagonista, de acordo com o VOLP - Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, disponibilizado pela Academia Brasileira de Letras. Portanto, entende-se que todos esses termos podem coexistir, apesar de ser o falante que escolherá qual termo recorrerá em sua fala.

Entende-se por variedade a fala de um determinado grupo, é nesse momento em que a profissão, a idade, o gênero e os outros fatores extrínsecos podem influenciar a análise que se faz da língua (COELHO *et al.*, 2015, p. 16). A variedade é uma das grandes marcas do caráter heterogêneo da língua, afinal, fala-se o mesmo idioma, mas de maneiras distintas e que podem distinguir toda a classe a qual o falante pertence dentro de uma determinada sociedade.

Além das variedades definidas pelos grupos sociais, tem-se a existência da variedade padrão. Essa é marcada pelo uso da norma-padrão do idioma falado e obtém alto prestígio, normalmente, por estar associada às camadas mais altas da sociedade. Tal prestígio adquirido é, também, transferido à fala.

Para exemplificar o conceito de variedade, é possível observar que pela extensão brasileira existe mais de uma palavra para descrever um único objeto, é o caso dos sinônimos: mandioca, macaxeira e aipim, usados para definir a mesma raiz. Há no inglês, por exemplo, o caso dos termos “*elevator*” e “*lift*”, usados também para denominarem a palavra elevador. Outro exemplo, é a palavra “semáforo” que pode ser identificada como “sinaleiro” no Paraná.

Para a sociolinguística, a língua é um sistema heterogêneo e, logo, não é regular e perfeito, mas sim, ordenado pelas influências dos falantes com relação ao contexto em que estão inseridos. Portanto, a partir do ponto de vista desta teoria obtém-se o conceito de que há uma estrutura variável sobre a qual a língua se baseia.

A mudança linguística é o processo que ocorre a partir das variações que ocorrem entre as variáveis e as variantes da língua. Esse fenômeno pode ser contínuo, a chamada “mudança em progresso”, comum entre as variáveis instáveis, aquelas em que há preferência para uma das variáveis em detrimento das outras, de acordo com Viotti (2013), ou uma mudança linguística propriamente dita, na qual não há concorrência entre termos.

2.2 O conceito de Prestígio e Não-Prestígio

Ao analisar a língua e seus usos pelos falantes, é preciso ter em mente que as variedades utilizadas podem se relacionar às relações de poder estabelecidas em sociedade. De acordo com Leal e Morais (2017), que citam Bagno e seu livro *Sete Erros aos Quatro Ventos*, há uma imposição da chamada norma-padrão para os que convivem na sociedade brasileira mesmo que no país não existam “falantes do padrão” em decorrência dos diversos fenômenos linguísticos que atingem os falantes e enraízam as novas formas lexicais no idioma. Para entender os conceitos de prestígio e não-prestígio, é necessário primeiro entender os conceitos de norma-padrão e norma culta.

Conforme Bagno (2012), norma-padrão se define pelo conjunto de regras e homogeneidades impostas por gramáticos normativos, entende-se, então, que a norma-padrão se refere ao que dizem ser “a língua certa”, especialmente, aquela proposta por livros didáticos e gramáticas. Por outro lado, a norma-culta se refere à língua utilizada por falantes de classes sociais elevadas, cujo nível socioeconômico os colocam no topo da pirâmide social. Por serem chamadas de normas, ambos os conceitos apresentam um teor de imutabilidade da língua que, pela sociolinguística, pode ser provado errôneo.

Partindo do conceito de variação, observa-se que diversos termos para uma mesma situação podem ser aceitos na língua portuguesa. Para exemplificar o conceito, é possível observar a coexistência e relevância de termos sinônimos quando utilizados em um mesmo contexto como ocorre com os substantivos “guri” e “menino”. No entanto, ainda que não haja irrelevância entre os termos, teoricamente falando, são observadas a existência do conceito de prestígio e o de não prestígio relacionados à língua utilizada pelo falante.

Como Leal e Morais (2017) citam: o primeiro conceito está interligado com os de norma-padrão e norma culta; entende-se que, ao dizer que um termo pertence a uma variação de prestígio, esse está relacionado às classes dominantes e ao que se considera correto, gramaticalmente falando. Essa variedade de prestígio representa uma relação de domínio e poder entre camadas sociais.

Para Dermeval da Hora (2012), a definição de prestígio para a sociolinguística é analisada sob uma perspectiva de atitude. Com isso entende-se

que, para essa vertente da linguística, prestígio se define como algo que se é concedido e os estudos enfocam os usos da variação.

Em oposição, existe a variação de não-prestígio, marcada pelo uso de termos que fogem à norma-padrão, logo, é estigmatizada por não se encaixar nela (LEAL; MORAIS, 2017). O conceito de não-prestígio está atrelado à imagem frequentemente marginalizada da língua e dos falantes que fazem uso dessa variação.

Conclui-se pelos conceitos que a língua pode ser utilizada como ferramenta de dominação e de ascensão social, assim como, é frequentemente relacionada ao contexto em que está sendo utilizada e por quem. Para uma análise linguística aprofundada é necessário levar em conta não só os estereótipos ligados às variações que o grupo estudado faz uso, mas também, o contexto socioeconômico que o cerca.

2.3 Fala dos adolescentes

O Brasil (2007) em *Marco legal: saúde, um direito de adolescentes*, define a população adolescente com a faixa etária entre os 12 anos aos 18 anos de idade. Para o órgão, a adolescência compreende o período da vida entre a infância e a fase adulta e abrange complexos processos de crescimento e desenvolvimento biopsicossociais.

Com pouca diferença, a Organização Mundial da Saúde (OMS) em 1965 reconhece a adolescência como o período entre os dez anos aos 20 anos, em que o adolescente passa por rápidas e variadas transformações. A organização ainda subdivide o período em dois: o primeiro momento dos dez aos 15 anos; e o segundo momento dos 16 aos 20. No primeiro período, as mudanças são marcadas por maior velocidade, enquanto, no segundo, as transformações são mais lentas.

Conforme Kalina e Laufer (1974 *apud* FERREIRA; FARIAS; SILVARES, 2010) a adolescência é o período no qual ocorre o reconhecimento de si como ser individual. Para os autores, a adolescência abrange os comportamentos psicossociais do processo de crescimento humano. Tais comportamentos mostram-se dependentes do ambiente histórico e cultural nos quais estão inseridos e são, portanto, variados de acordo com a sociedade e os grupos e gerações com os quais se relacionam.

Ao se mencionar adolescentes, é importante reconhecer o conceito de identidade. Para o dicionário Aurélio (2011), o termo se define como um substantivo feminino, que significa qualidade de idêntico ou conjunto de caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa: nome, idade, estado, profissão, sexo. Entende-se, a partir

dessa definição, que a identidade é a individualização do ser e sua constituição é complexa devido a fatores externos que a influenciam, esses fatores podem ser de origem sociológicos, psicológicos, cognitivos ou culturais.

Na sociolinguística, Mendoza-Denton (2002 *apud* OUSHIRO, 2019) define identidade como a negociação ativa, realizada por meios linguísticos e semióticos, da relação de um indivíduo e as construções sociais que o rodeiam. Entende-se que a identidade é um conceito de negociação que se realiza coletivamente e deve ser aceita por outras pessoas.

Conforme Oliveira e Baronas (2011), o sujeito é constituído na linguagem e pela linguagem e, devido a isso, sofre influência direta da língua em sua formação identitária. Isso ocorre especialmente pelo fator social: ao interagir com o outro, por meio da fala, o sujeito se constitui e estabelece suas relações sociais, constrói seu conhecimento sobre si e sobre o mundo, determina e expõe seus valores e visões de mundo. Nesse sentido, a língua é a ferramenta usada para expressar o aspecto identitário. Ainda sobre o assunto, as autoras apontam sua importância e influências:

A importância da língua é fortalecida ao se constatar que, por meio dela, é possível reconhecer os sujeitos dos diferentes agrupamentos, sua idade, os estratos sociais a que pertencem, o grau de escolaridade, entre outros aspectos, já que, no ato da fala, são expressas aos ouvintes indicações sobre nossas origens e o tipo de pessoas que somos. Nossa escolha lexical mostra se somos jovens, conservadores ou urbanos. Também por meio da escolha dos vocábulos podemos dar mostras de nossa profissão, e é pelo sotaque que podemos indicar o lugar de onde viemos ou em que vivemos. Além da origem, nosso comportamento linguístico é frequentemente submetido a diversas influências relacionadas à nossa identidade social, como sexo, idade, inserção no sistema de produção e pertencimento a grupos (OLIVEIRA; BARONAS, 2011, p. 194).

A partir dessa perspectiva, entende-se que a língua é uma ferramenta que o sujeito utiliza para se aproximar com os membros do grupo que deseja participar. No processo de identidade linguística, o falante busca se assemelhar ao grupo que toma como referência e segue as regras selecionadas por esse (OLIVEIRA; BARONAS, 2011). Assim como no estudo de Labov (2008) sobre a Ilha de Martha's Vineyard, para se assemelhar ao grupo de falantes e para marcar a identidade que é buscada, os falantes tendem a ajustar as regras que apresentam para se adequar ao interlocutor, podendo ocorrer por meio do exagero.

De acordo com Oliveira e Baronas (2011), a adolescência é, para o senso comum, vista como uma fase conturbada no desenvolvimento humano, é vista como um momento de transição entre a infância e a vida adulta e, por isso, o adolescente é

enxergado como vulnerável às influências externas. É nesse momento que o sujeito busca por referências para construir sua identidade para, finalmente, integrar o mundo social.

Diante desse fato, a linguagem utilizada pelo ser durante essa fase da vida é regida, também, por referências e constitui-se parte de sua identidade. No entanto, o comportamento linguístico apresentado por adolescentes é tomado como estigmatizado. Logo, a estigmatização da linguagem adotada por adolescentes se dá pelo repertório linguístico repleto de novidades, como marcadores discursivos ou gírias, quando se comparado aos das gerações anteriores.

Ao pensar em grupos de adolescentes que compartilham os mesmos aspectos sociais, políticos e linguísticos, é possível relacioná-los ao conceito de comunidade de fala, apresentado por Labov (2008). Quando inseridos na comunidade de fala, os adolescentes assumem diferentes papéis sociais de acordo com as redes sociais que o rodeiam e suas exigências em particular (OLIVEIRA; BARONAS, 2011), a partir do papel assumido em determinada comunidade de prática, o sujeito, inconscientemente, fará escolhas linguísticas que o associa à sua formação de identidade social.

3 MARCADORES DISCURSIVOS

Quando analisamos a fala, Freitag (2007) nos diz que é possível que encontremos elementos não descritos na gramática normativa, são, portanto, os marcadores discursivos. Esses são compreendidos em um rótulo amplo que demanda construções que atuam tanto no plano textual que determina ligações coesivas com as partes do texto, quanto no plano interpessoal que mantém e auxilia a interação do falante e do ouvinte, compreendendo também no planejamento da fala. Logo, marcadores discursivos se constituem de palavras ou de locuções que possuem a função de conduzir a interpretação do interlocutor, transmitindo os sentidos que existem na comunicação entre ideias integradas no discurso.

A função dos marcadores na articulação discursiva deve ser incluída nos programas de marcadores discursivos têm, sim, funções na articulação discursiva e devem ser incluídos nos programas de educação linguística. 'Marcas de oralidade na escrita', na versão mais branda, ou 'vícios de linguagem', na versão mais radical, são rótulos depreciativos que não contemplam a gama de funções que os marcadores discursivos desempenham, tanto na modalidade oral quanto na modalidade escrita da norma-padrão da língua (FREITAG, 2007, p. 20).

Os organizadores do livro: *O sentido na Linguagem: uma homenagem à professora Leci Borges Barbisan*, procuram nos trazer vários estudos sobre fala, dentre esses, o autor Dermeval Da Hora (2012), contribuiu de forma atenta aos estudos variacionistas, discorreu que: "o nível de consciência social, acerca de um fenômeno linguístico variável, representa uma das principais propriedades da mudança linguística que deve ser determinada a partir do que o falante infere" (TEIXEIRA; FLORES, 2012, p. 48).

Nesse sentido, o autor descreve os diferentes níveis entre as variáveis e suas variantes, diferindo indicadores, marcadores e estereótipos. Os indicadores são variáveis que não estão sujeitas a mudanças e o falante não tem consciência que as usa; os marcadores são as variáveis que podem ter um papel fundamental na segmentação da classe social, estão sujeitas a mudanças de estilo e o falante tem consciência do uso; já os estereótipos são as formas que o falante e a comunidade têm consciência, são vistas como algo ruim, negativo. (TEIXEIRA; FLORES, 2012).

Dentre essas três variantes, os marcadores são os que mais chamam a atenção dos sociolinguistas, além de serem variáveis fonológicas, facilmente sujeitos à variação, sobretudo, muito identificáveis pelos falantes. Freitag (2007) nos traz a seguinte reflexão:

Atire a primeira pedra aquele que não usa marcadores discursivos! Talvez haja cuidado na escolha de uma forma específica (né?, entendeu? tá?, certo?, ok?), mas todo falante proficiente em uma língua utiliza marcadores discursivos. Mas, por não serem previstos na gramática, sofrem de estigma e em contextos de maior formalidade, costumam ser marcados socialmente (FREITAG, 2007, p. 7).

Demerval da Hora, afirma, ainda, que:

a variação, processo inerente à fala, é utilizada, inúmeras vezes, como elemento para determinar o prestígio ou a estigmatização de seus usuários. [...] Em toda e qualquer comunidade que se busque sempre estabelecer a língua padrão, podem ser encontradas condutas e atitudes mais ou menos prestigiadas ou estigmatizadas (TEIXEIRA; FLORES, 2012, p. 50).

Dentro dos marcadores discursivos, há os requisitos de apoio discursivo, Freitag (2007) relata que há três tipos, sendo: o interpessoal que atua como o elemento de contato entre os interlocutores, que pede a concordância do ouvinte; o interpessoal e textual que solicita a atenção do ouvinte para algumas partes do texto, focalizando e dando importância ao que se antecede; e o rítmico, que opera como marcadores de ritmo, pontuantes, perdendo sua entonação interrogativa.

Os requisitos de apoio discursivo complementam a estrutura de ativação, desempenham a função de focalizar, buscando a aquiescência dos leitores. O uso desses marcadores é um indício de que os requisitos de apoio discursivo são parte de uma categoria gramatical, tal como verbo, substantivo, pronome e conjunção são. A existência disso se origina, em boa parte, do meio social, que consolida os requisitos de apoio discursivo como elementos da gramática da norma-padrão (FREITAG, 2007).

Os marcadores discursivos não são reconhecidos na gramática normativa como uma categoria, por exemplo, verbo, pronome ou conjunção, embora, haja estudos que demonstrem o seu funcionamento na interação social (FREITAG, 2007). Dessa maneira, frequentemente aparecem como um estigma social.

É comum vermos cursos de oratória que preparam o público para se portar bem, falar bem, que caracterizam alguns marcadores discursivos como vícios de linguagem, cacoetes linguísticos e, até mesmo, ruídos na comunicação. Eles são descritos como palavras usadas com muita insistência, com o sentido de encerrar ou continuar uma frase (FREITAG, 2007). A autora relata que nesses cursos as orientações possuem um padrão:

“evite as gírias e os vícios de linguagem (né?, tá?)”, “cuidado com os vícios de linguagem (né?, então, bem, daí)”, “evite utilizar vícios de linguagem: tá?, né?, OK?, certo?, entendeu? percebe? É isso aí!, tipo assim..., acho que...”

“evite vícios do tipo ficar dizendo a todo momento: entendeu?, viu?, sabe?, né?, tá?, olha...” (FREITAG, 2007, p. 9).

Por isso, a relação entre o uso de marcadores discursivos e insegurança é institucionalizada, isso se torna uma característica da função de pontuantes, ou seja, os marcadores de ritmo e preenchedores de pausas. Por não serem aceitos na gramática normativa, os marcadores discursivos são alvo de repúdio, por professores e por revisores, assim, se dá a origem do estigma. O impulso do uso dessas estruturas é funcional, porém muito estigmatizada (FREITAG, 2007).

Em consequência disso, como os marcadores discursivos não estão nas gramáticas normativas categorizados como tal, Freitag (2007) nos afirma que os marcadores discursivos estão à margem da língua, tendo seu uso restrito e podendo ser alvo de estigma quando utilizado com muita frequência. Um exemplo disso, foi a participante Thaís Braz, do Big Brother Brasil 2021.

A dentista virou motivo de chacota e memes nas redes sociais por usar tantas vezes os marcadores discursivos “tipo” e “tipo assim”. Os comentários em relação a modelo colocaram em dúvida sua inteligência e, até mesmo, sua profissão, tal comportamento é extremamente inadequado e preconceituoso. Apesar disso, os marcadores discursivos “tipo” e “tipo assim” jamais deixarão de ser usados, ainda mais por sua motivação funcional (FREITAG, 2007).

3.1 Gramaticalização

De acordo com Lima-Hernandes (2005) a gramaticalização é o fenômeno linguístico, uma mudança, na qual um termo lexical autônomo assume o papel de um termo gramatical. Esse processo permite a análise do movimento no sistema linguístico. Dessa forma, ela não pode ser representada somente como uma mudança morfológica, ela é uma mudança global, que afeta a fonologia, a semântica e, até mesmo, a sintaxe. Também não pode ser descrita como um fenômeno circunscrito a uma língua específica, é um fenômeno altamente produtivo em todas as línguas naturais.

Ainda de acordo Lima-Hernandes (2005, p. 27) os mecanismos motivadores da gramaticalização, são: “[...] extensão metafórica, inferência, generalização, harmonia e absorção. A extensão metafórica caracteriza-se por meio de duas propriedades” a primeira propriedade é a mudança de um domínio mais

concreto para um domínio mais abstrato, já a segunda propriedade é a preservação de algum traço da estrutura relacional original.

Logo, Lima-Hernandes (2005) afirma que inferência se remete pontualmente à implicatura, logo, o falante segue o princípio da informatividade e da economia, e o destinatário, para sua compreensão, extrai todos os significados necessários para a asserção. A generalização significa a perda dos traços específicos de significado, em consequência disso, expande os contextos apropriados para o uso, para essa ferramenta, isso torna-se bastante importante. A harmonia é uma ferramenta restrita aos elementos gramaticais desprovidos da maior parte do conteúdo semântico, é aplicável aos estágios mais desenvolvidos da gramaticalização. Portanto, a absorção significa a etapa na qual há, enfim, a gramaticalização do item analisado.

Além deles, há também dois mecanismos complementares que estão envolvidos na motivação da gramaticalização: a transferência conceptual, a metáfora, e a motivação pragmática, a metonímia. Durante o processo de mudança, em conjunto os mecanismos agem na transferência e significação, respectivamente, de acordo com Lima-Hernandes (2005), a fim de trazer maior expressividade ao falante que busca por novos recursos e elementos para sua fala.

Diante disso, a autora considera gramaticalização como um processo dinâmico, exprimindo não só o movimento contínuo em torno da estrutura (relações estabelecidas), mas também, como uma atividade cognitiva com os reflexos voltados para a sua própria estrutura.

Dada a necessidade de identificação das várias estruturas constituídas pela palavra “tipo”, para explicar esse deslizamento representado em linha, Lima-Hernandes (2005) mostra os exemplos mais aceitos pela norma culta, relacionam a palavra “tipo” à categoria *nome* e, simultaneamente, aos traços semânticos [+ humano, +animado, +concreto], como em (a) a (c); e aos traços formais [- humano, - animado, - concreto], como em (d) a (f):

- a) Esse tipo frequenta este bar assiduamente...
- b) Que tipinho mais esquisito esse menino!
- c) Ele é um tipão!
- d) O tipo utilizado neste formulário é diferente.
- e) Gosto desse tipo de perfume.
- f) Comprei pulseiras, colares e coisas desse tipo (LIMA-HERNANDES, 2005, p. 30).

A autora denota que há diferenças entre os dois conjuntos de exemplos, também entre cada exemplo do conjunto, entretanto, não se comparam aos usos mais abstratos de caráter mais gramatical, como Lima-Hernandes (2005) nos apresenta: “g) viajei as férias todas, *tipo*... esqueci que trabalho existe.” o uso do “tipo” nessa frase representa categorias gramaticais, configura uma trajetória nome > juntor. A autora oferta ainda mais dois exemplos “h) Ricardo come *tipo* um elefante; i) Nessas feirinhas se vende *tipo* o quê?” nesses exemplos, a autora afirma que o uso de “tipo” tem a finalidade de organizar e hierarquizar as sentenças utilizadas para exemplificar, comparar ou questionar.

Para a rota da gramaticalização, Lima-Hernandes (2005) nos diz que o componente social é de extrema importância, há a correlação entre gramaticalização e os seguintes fatores: a) contato entre línguas; b) interferência entre as formas escrita e falada de uma língua, e c) contexto sociocultural. Os fatores *a* e *b*, de acordo com a autora, não aparentam ser cruciais para a rota de deslizamento assumida por “tipo”. Entretanto, ela afirma que o fator *c* possui grande motivação para que ocorra a mudança linguística de inúmeros jeitos, remetendo à necessidade comunicativa do contexto sociocultural.

Essa necessidade comunicativa é resolvida mediante diversas estratégias pragmáticas, como é o caso, por exemplo de ser claro, de não ser repetitivo, de ser relevante etc. Essas estratégias pragmáticas requerem estratégias linguísticas também diversificadas, que se adaptam, e, portanto, variam de acordo com o contexto sociolinguístico (LIMA-HERNANDES, 2005, p. 33).

Para a autora, o conceito de deslizamento corresponde ao processo de mudança funcional de um termo ou expressão linguística de acordo com seu contexto de uso. No processo de deslizamento semântico é possível notar que, com o desenvolvimento das novas funções de um termo, um novo valor semântico lhe é adicionado.

Portanto, ao partir da observação para a realização de análises, frequentemente, são encontrados termos ou expressões não previstos pela gramática normativa, os chamados “marcadores discursivos”, como a palavra “tipo” nos exemplos da autora Lima-Hernandes. Tais elementos atuam, em sua maioria, como auxiliares coesivos no plano textual ou interacional no plano interpessoal, como cita Freitag (2007), e diversas vezes são confundidos com vícios de linguagem.

Para a gramática tradicional, a definição de vícios de linguagem está nos usos que fogem à norma-padrão, como os estrangeirismos (por exemplo: *hot dog*,

réveillon), gerundismos (por exemplo: estarei trabalhando, estarei comprando) e outros. Não há consenso quanto a considerar os marcadores como vícios de linguagem ou não devido à sua característica de não pertencimento à gramática normativa, entretanto, é significativa a sua importância à estruturação da fala por seu potencial coesivo.

3.2 Uso do “tipo”

De acordo com Bagno (2012) há um processo de gramaticalização que ganhando notoriedade: o uso do substantivo “tipo”, tal processo ocorre, em sua maior parte na fala e escrita de adolescentes. O autor relata que “tipo” é designado como substantivo, mas que está, cada vez mais, sendo empregado como advérbio, por exemplo: “tipo se deslocou de suas posições anteriores para a posição característica dos modalizadores discursivos: porque é esse *tipo* de jantar americano, né? > porque é jantar esses *tipo* americanos, né?” (BAGNO, 2012, p. 849).

Durante a última década, o termo “tipo” ganhou espaço especialmente na fala de adolescentes com usos diferentes de seu original. Para Lima-Hernandes (2005), poucos são os pesquisadores que analisam o uso desse termo no novo contexto observado, a visão referente às variações de prestígio e não-prestígio ainda estão enraizadas na gramática e, a sociolinguística busca trazer um novo ponto de vista para as análises realizadas.

Os marcadores discursivos, assim como o “tipo”, não são uma exclusividade da língua portuguesa ou de um único grupo social. Na língua inglesa, por exemplo, o correspondente “*like*” tem se tornado cada vez mais presente na fala dos adolescentes, conforme Stephen Levey (2006). E, assim como na língua portuguesa, o termo passou pelo processo de gramaticalização para exercer uma de suas atuais funções linguísticas. A rápida disseminação dessa partícula, segundo o autor, possui poucos estudos detalhados referentes à sua presença e à influência no inglês britânico.

A utilização desses marcadores pode ser observada em obras literárias, como é o caso dos quadrinhos de *Heartstopper*. Em sua versão original, escrita na língua inglesa, observa-se o uso frequente da palavra “*like*” com funções diferentes da sua designada, verbo, pelos adolescentes presentes nos diálogos. Na versão traduzida por Guilherme Miranda, a obra substitui o termo inglês “*like*” por “tipo”, marcando, assim, a correspondência entre as partículas.

Para que o processo de gramaticalização dos termos ocorra, Lima-Hernandes aponta motivações possíveis:

A motivação externa pode ser vinculada à intenção de criatividade/economia, uma vez que o indivíduo busca inovar por meio da fórmula “formas velhas/sentidos novos”, também orientados por leis de convivência, de idade, de regras sociais. Contudo, se a mente se manifesta por meio da linguagem, não se pode negar que o próprio sistema linguístico motiva o processo que mantém a dinamicidade intrínseca da língua (LIMA-HERNANDES, 2005, p. 32).

A pesquisadora Lima-Hernandes (2005) aponta que o elemento “tipo”, alvo de estudo nesta pesquisa, tem adquirido a função de conectivo entre os adolescentes brasileiros em seu uso cotidiano da língua, no entanto, devido ao não-pertencimento à gramática normativa. O termo que pode ser classificado como um marcador discursivo, ainda é visto com estranhamento e, até mesmo, rejeição por muitos outros falantes de língua portuguesa, que encontram dificuldade para aceitá-lo ou incorporá-lo ao seu vocabulário diário por estarem em diferentes comunidades de fala e pela visão moldada pela variedade de prestígio.

Para os dicionários e a gramática tradicional da Língua Portuguesa, o elemento “tipo” ainda é classificado apenas como um substantivo masculino vindo da palavra grega *týpos*, que significa figura, marca, impressão ou forma original. De acordo o dicionário Michaelis On-line (2022), existem 16 possíveis definições para esse substantivo, são elas:

- 1 Objeto ou coisa que serve de modelo ou medida para produzir outro idêntico ou semelhante; exemplar, modelo.
- 2 Indivíduo ou coisa que se distingue dos demais por possuir caracteres distintivos de uma classe, de um grupo etc.
- 3 Categoria de coisas agrupadas segundo algumas características; espécie, gênero.
- 4 Conjunto de feições características de uma raça, uma família etc.
- 5 (BIOL) Espécime que, após exame metucioso pelo pesquisador, é indicada e descrita como uma nova espécie e passa a servir de padrão para essa espécie.
- 6 Figura principal, personagem original, que pode considerar-se como modelo próprio para ser imitado pelos artistas ou escritores.
- 7 (COLOQ) Pessoa excêntrica, singular ou original.
- 8 (COLOQ) Qualquer indivíduo, cara, sujeito.
- 9 (COLOQ) Pessoa pouco respeitável.
- 10 (COM) Conjunto das características de um produto que indicam suas qualidades.
- 11 (GRÁF) Bloco geralmente de metal fundido ou madeira, que tem gravado em relevo, em uma das faces, letra ou qualquer sinal de escrita (sinal de

pontuação ou símbolo de qualquer natureza) para ser reproduzido, por meio de impressão em superfície apropriada; caractere, caráter, letra.

12 (GRÁF) Letra impressa que se obtém por qualquer meio de impressão (tipográfica, digital etc); caractere, caráter, letra.

13 (CIN, TEAT, TV) O conjunto das características de um personagem.

14 (MED) Ordem em que aparecem e se desenvolvem os diversos sintomas de uma doença.

15 (NUMISM) Figura ou tema principal de uma medalha ou antiga moeda.

16 (TEOL) Fato ou personagem do Antigo Testamento considerado símbolo de fato ou personagem do Novo (DICIONÁRIO Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis, 2022).

Nota-se que para a *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa* (Cegalla, 2000), o termo “tipo” sequer é mencionado, seja como substantivo ou seja como conectivo. Esse fato evidencia o aspecto de uso do termo como um marcador discursivo, uma palavra que não está presente na gramática normativa e que pode ser considerada como uma variante de não-prestígio para a norma culta e seus falantes.

Por fim, compreende-se que é a partir do processo de gramaticalização que o termo ganha espaço na fala, especialmente na fala dos adolescentes, e passa a ser usado com funções diferentes da sua originária, de forma que ocorra uma ressignificação do termo abordado.

4 USO DO “TIPO” NA OBRA DE *HEARTSTOPPER*

A obra *Heartstopper*, escrita pela autora e ilustradora britânica Alice Oseman, *Heartstopper* é uma série de livros em quadrinhos inicialmente postada no aplicativo *Tapas*, em inglês, e, atualmente, traduzida para o português pela editora Seguinte. A obra é atualizada semanalmente no aplicativo, no qual foi inicialmente postada e, até agora, possui quatro livros traduzidos para o português: *Heartstopper vol. 1: dois garotos, um encontro*; *Heartstopper vol. 2: minha pessoa favorita*; *Heartstopper vol. 3: um passo adiante* e *Heartstopper vol. 4: de mãos dadas*.

Na história em quadrinhos, é apresentada a história de Charlie Spring, um garoto de 15 anos cuja sexualidade foi exposta na internet e que sofreu bullying por essa exposição forçada. Ao iniciar a história, o protagonista está em um relacionamento abusivo com outro adolescente da escola na qual estuda, esse garoto, Ben, exige que todos os encontros sejam às escondidas e que ninguém saiba sobre os dois, principalmente, por ter uma namorada.

O segundo protagonista da história é Nick Nelson, que também é estudante da mesma instituição, o colégio *Truham*, jogador de rúgbi e, aparentemente, hétero. Quando durante uma aula, ele se senta ao lado de Charlie e começam uma amizade que abala os sentimentos de Nick e o confunde em diversos aspectos de sua vida.

Heartstopper é uma história que não trata somente do amor e do relacionamento que os protagonistas constroem, mas também, trata das relações que envolvem a adolescência, como os relacionamentos desenvolvidos com a família, com amigos e com a sociedade que os rodeiam. Na obra, Alice Oseman, trata aspectos, como: autodescobertas, aceitação, preconceito, saúde mental, transtornos alimentares de maneira responsável e condizente com seu público-alvo: adolescentes.

A obra foi escolhida para análise devido à presença de personagens majoritariamente adolescentes e que possuem sua fala representada de maneira considerada estigmatizada pela população mais velha. Em *Heartstopper*, a autora visa apresentar o dia a dia e os dilemas que seus personagens vivem por meio de quadrinhos e recursos linguísticos que os caracterizem como adolescentes em sociedade.

4.1 Metodologia e análise de dados

Para atingir os objetivos desta pesquisa, a metodologia adotada foi de natureza qualitativa de cunho descritivo, uma vez que busca analisar o uso do “tipo” na obra *Heartstopper*, com o foco na linguagem adolescente, esclarecendo os conceitos e as ideias da função do vocábulo “tipo”. Dessa forma, foi constado cerca de 64 vocábulos “tipo”, dividido entre os adolescentes presentes na obra.

Nesta pesquisa, foram analisados os usos do vocábulo “tipo” na obra *Heartstopper*, cuja narrativa é composta majoritariamente por adolescentes. A escolha ocorreu pelo fato de os livros terem uma linguagem clara, acessível e buscarem se aproximar da fala dos adolescentes. Todas as personagens possuem duas variáveis em comum, a idade (adolescentes de 15-18 anos de idade) e a escolaridade (Ensino Médio).

Para atingir os objetivos desta pesquisa, dividimos as ocorrências de tipo nas seguintes categorias: preposições exemplificativas, modalizadores, preenchedores de pausa e foco metalinguístico. É necessário que seja explicitado que todos os contextos das obras foram analisados, de forma que o comportamento sintático e a noção semântica fossem embarcadas, bem como o comportamento dos adolescentes fictícios.

Quando se trata da gramática normativa, o vocábulo “tipo” adquire apenas a função de substantivo. De acordo com Lima-Hernandes (2005), as funções substantivas que o termo adquire podem ser divididas entre:

a) Substantivo referenciador: essa classificação se refere aos usos da palavra “tipo” enquanto termo para se referir a entidades concretas, sejam elas humanas ou não. Para Lima-Hernandes (2005), a palavra “tipo” apresenta as mesmas propriedades gramaticais relacionadas aos substantivos quando se encontra exercendo tal função.

Na obra *Heartstopper* como um todo não foi possível encontrar trechos para exemplificar tal função, portanto, o exemplo utilizado aqui é retirado da tese de Lima-Hernandes: “[...] tinha também o amolador de facas, que era um tipo, humano muito interessante [...]” (LIMA-HERNANDES, 2005, p. 70).

b) Substantivo classificador: a nomenclatura aqui utilizada se refere ao grupo de usos do termo “tipo” empregados para classificar algo. Normalmente, esse termo pode ser parafraseável por “espécie, modelo” de acordo com Lima-Hernandes

(2005). A autora ainda aponta duas possíveis construções para o uso deste vocábulo: “Nesses usos, tipo integra duas formas de estruturação: [um/o tipo de + N] ou [SN + desse tipo] e exhibe as propriedades gramaticais de tipo” (LIMA-HERNANDES, 2005, p. 70).

Foram encontrados poucos usos dessa classificação na obra *Heartstopper*, integralmente, ao todo somam-se apenas quatro aparições do vocábulo “tipo” sendo utilizado como substantivo classificador. Dois exemplos possíveis são: “Que tipo de cara você curte, hein?” (OSEMAN, 2021, p. 224) ou “Não faz meu tipo” (OSEMAN, 2021, p. 225).

Para identificar as funções desempenhadas pelo vocábulo escolhido, foram adotadas as propostas de Lima-Hernandes (2005), Castelano (2013) e Levey (2006). Por meio dos teóricos mencionados, na obra, se destacam 62 usos do “tipo”: levando em consideração o contexto linguístico que desencadeou tais usos, focaremos em apenas quatro categorias.

4.1.1 Preposições exemplificativas

De acordo com Lima-Hernandes (2005), um possível uso do “tipo” é empregado como preposição, a qual ligará dois sintagmas nominais, ocupando a posição de fronteira de constituinte. O que antecede o “tipo” é um SN indefinido (há referência não especificada) composto por nome com ou sem determinante, e seu sucessor sendo um sintagma nominal ou uma oração nominal. Seu valor semântico é exemplificativo, possui função de dirigir a atenção do interlocutor restringindo a sua forma de interpretar. Pode ser parafraseado com as expressões: “como” e “por exemplo”.

Stephen Levey (2006) disserta acerca do uso do marcador discursivo “*like*” na fala de pré-adolescentes, em língua inglesa, e inclui em suas classificações o uso desse como uma preposição exemplificativa. Para o pesquisador, a partir de exemplos:

Na primeira categoria, *like* ocorre frequentemente com a função exemplificativa na fala de pré-adolescentes ao ser colocado com extensores do discurso, como nos exemplos abaixo: (34) *there was like all rats and things running around* [13H10/11]; (35) *... my bestest subject at school is like art and stuff* [9M10/11]. Nos dois exemplos, *like* é utilizado em conjunto com um extensor discursivo geral (sublinhado nos exemplos acima) para destacar um exemplo ilustrativo de um caso mais amplo; em outras palavras, nesses

contextos, o termo tem a função de categorizar ou demarcar (ver Dubois 1992: 181) (LEVEY, 2006, p. 426, tradução nossa).¹

(1) “Tipo, sua voz é meio gay, mas só!” (OSEMAN, 2021, p. 223).

Esta é uma das falas que demonstram a homofobia enfrentada por Charlie, nesse trecho, o adolescente Harry, utiliza a palavra “tipo” para exemplificar que o protagonista não parece ser tão gay, exceto pela voz, a qual define como “meio gay”, Harry inviabiliza e coloca Spring em um estereótipo, essa frase tem um valor exemplificativo, restringindo a interpretação do interlocutor.

(2) “Eu pensei... que só gostava de você como amigo... como melhor amigo... Porque, tipo, sempre quero sair com você e adoro tudo em você... mas eu ficava querendo... Sei lá... Te abraçar e pegar na sua mão” (OSEMAN, 2021, p. 59).

Nesse trecho, o personagem Nick expressa seus sentimentos em relação ao Charlie, Nick faz uso do “tipo” para exemplificar que gosta de Charlie para muito além de um amigo, que está se apaixonando, e ele exemplifica o seu sentimento com a sua vontade de estar com Charlie.

(3) “Como o Aled disse, ele só falou muito alto. E a notícia se espalhou. Tipo, como você descobriu que sou gay?” (OSEMAN, 2022, p. 78).

Aqui, Charlie utiliza “tipo” como preposição exemplificativa, pois narra como sua sexualidade foi exposta, o uso do “tipo” nesse contexto tem função exemplificativa, pois os boatos se espalharam em um nível impossível de se controlar, as pessoas comentavam, e Charlie queria demonstrar ao Nick que a culpa do boato não foi apenas de Tao, seu amigo.

(4) “[...] Charlie passou por uma avaliação de saúde mental, e falaram que seria melhor se ele passasse um tempo internado. Mas a escolha era dele. Tudo começou muito rápido. Eu estava assustado. Ele estava assustado. Tipo, eu só conhecia hospitais psiquiátricos pelos filmes, e o único que tinha vaga disponível ficava a duas horas de carro. [...]” (OSEMAN, 2022, p. 249).

Na fala de Nick narrando a ida de Charles ao hospital psiquiátrico, ele usa “tipo” para demonstrar como eles ficaram assustados, visto que suas percepções do

¹ In terms of the first category, like often occurs in an exemplifying function in the preadolescent data in conjunction with general discourse extenders (see Overstreet 1999), as in (34) and (35) below: (34) there was like all rats and things running around [13M10/11]; (35) ... my bestest subject at school is like art and stuff [9F10/11]. In these two examples, like is used together with a general discourse extender (underlined in the examples above) to highlight an illustrative example of a more general case; in other words, it has category-implicative or set-marking functions in these contexts (see Dubois 1992: 181) (LEVEY, 2006, p. 426).

lugar eram baseadas em filmes, neles, o hospital psiquiátrico não é visto com bons olhos, em muitos deles o local é retratado como um local extremamente ruim.

(5) Além disso, tô feliz de verdade por você. Seu crush nele era gigante. [...] Eu só estava falando que o Charlie tinha um crush gigante em você. [...]. Era, tipo, um nível 'Crepúsculo' de paixão. (OSEMAN, 2022, p. 245).

Nesse fragmento, o amigo de Charlie, Tao, comunica ao Nick que Charlie tinha uma paixão por Nelson tão grande que se comparava à obra *Crepúsculo*, da autora Stephenie Meyer. Logo, o vocábulo "tipo" se caracteriza como função exemplificativa, pois Tao compara a paixão de seu amigo por Nick com um livro que possui certo teor dramático.

Portanto, a partir dos exemplos apresentados, conclui-se que o termo "tipo", quando empregado como uma preposição exemplificativa tem a função discursiva de exemplificar ou restringir o foco da sentença e a atenção do interlocutor à mensagem que o sucede. Levey (2006) apresenta em sua tese uma breve explicação acerca do correspondente do termo em língua inglesa, o vocábulo "*like*":

Por exemplo, um marcador discursivo cuja função é exemplificativa pode ser, também, utilizado para focar. Isso complica as tentativas de classificar as funções de um marcador em uma base (LEVEY, 2006, p. 425, tradução nossa).²

4.1.2 Modalizadores

De acordo com Neves (2006), modalizadores são um conjunto de relações entre o locutor, o enunciado e a realidade objetiva, além disso, são utilizados para exprimir um ponto de vista de quem anuncia na interação verbal. Castellano (2013) afirma que o uso dos modalizadores em um enunciado não é usado de forma aleatória, mas, sim, indica a escolha linguística do falante, como um recurso argumentativo.

Conforme Castellano (2013), os modalizadores podem ser usados para marcar insegurança, não comprometimento do falante com a conversa, ou até mesmo, com a veracidade das informações passadas nessa interação. Logo, poderá indicar uma posição de incerteza ao que será dito.

No levantamento de dados, o uso de "tipo" como modalizador demonstrará o cuidado do locutor para se expressar, tendo, portanto, maior atenção, de forma que

² For instance, a discourse marker which has an exemplifying function can additionally be used for focus. This complicates attempts to classify the functions of a marker on a discrete basis (LEVEY, 2006, p. 425).

escolha a palavra mais adequada, demonstrará, também, insegurança frente a assuntos que necessitam de maior cuidado, os locutores, então, buscam a palavra ou a frase mais adequada à situação.

(1) “Tipo, sei que ele é popular, mas ele sabe jogar?” (OSEMAN, 2021, p. 52)

Nesse trecho, um adolescente não nomeado está se referindo ao Charlie com um certo cuidado, “tipo” está sendo utilizado como modalizador. Para que não ofenda Charlie de forma tão direta, o adolescente utiliza o vocábulo para escolher, com cuidado, uma expressão mais adequada para não soar desagradável e conseguir demonstrar sua preocupação com o time.

(2) “Tipo, é uma escola só de homem! O que ele esperava?” (OSEMAN, 2021, p. 105)

Nessa fala, outro adolescente não nomeado se refere ao Charlie, nela o “tipo” está sendo utilizado como modalizador, para que a fala perca um pouco do teor preconceituoso. O adolescente não nomeado tenta justificar o preconceito enfrentado por Charlie quando sua sexualidade virou um boato no colégio, logo, “tipo” tem função de amenizar o peso da fala homofóbica.

(3) “Acho que... ainda não me entendi direito. Tipo, não estou 100% seguro de como me identifico.” (OSEMAN, 2021, p. 176)

Na fala de Nick, há uma ocorrência de “tipo” como modalizador, Nick o utiliza como uma forma de falar que ainda não descobriu sua sexualidade. “tipo” demarca seu cuidado para escolher a forma mais adequada para se expressar, Nick ainda tem dúvidas, e tem receio de falar com as pessoas sobre sua sexualidade.

(4) “Charlie, eu já... já percebi que você não é de comer muito. Hm, em geral. Ou sei lá. Mas parece que tem piorado nos últimos tempos. Tipo, acho que você está comendo menos do que antes. Eu pensava que você só era fresco com comida, mas... tipo, você não comeu quase nada essa semana e agora desmaiou, e estou ficando preocupado” (OSEMAN, 2022, p. 222)

Nesse fragmento da conversa entre Nick e Charlie, podemos perceber que é um assunto muito delicado, tanto pela forma que Nick fala, quanto pelas pausas que faz ao falar. Os usos do “tipo” nesse trecho são utilizados como modalizadores, Nick está preocupado com o Charlie, e tenta tocar no assunto com muita cautela, escolhendo as palavras com bastante atenção, “tipo” expressa o receio de falar que Charlie está com um problema.

(5) “Acho que você tem um transtorno alimentar. Andei pesquisando e sei que você não quer que eu, tipo, tente te curar, mas me importo muito com você e percebi que está piorando com o tempo...” (OSEMAN, 2022, p. 84)

Outro fragmento no qual Nelson tenta abordar Charlie para falar sobre o transtorno alimentar, a fala de Nick é marcada pela insegurança, e indica sua incerteza ao que será dito em seguida. Nick utiliza o “tipo” como modalizador, para que ele possa pensar no que está dizendo ao Charlie, expressa seu cuidado com a escolha das palavras, e por conter o verbo “acha” indica sua posição de incerteza quanto ao diagnóstico.

Os usos de ‘tipo’ nesta seção possuem funções modalizadoras, ou seja, deram um novo efeito de sentido ao vocábulo. Nesse uso, “tipo” perdeu suas características referenciais citadas por Bagno (2012), logo, suas funções semânticas perderam o valor de advérbio, ganhando, assim, um novo valor que desempenha funções de caráter discursivo, para que o adolescente reorganize sua fala.

4.1.3 Preenchedores de pausa

De acordo com Castellano (2013), uma das possíveis situações de uso dos marcadores discursivos acontece quando o locutor se vê em um contexto de hesitação ou de reformulação da sentença. Esse modo de utilizar marcadores é visto como uma forma de insegurança ou de perda da linha de raciocínio, mesmo que viabilize o processo de construção do discurso do qual está integrado.

Devido ao processo que fazem parte, no qual há a necessidade de preenchimento de um suposto vazio no discurso, os marcadores aqui recebem o nome de preenchedores de pausa. Ao utilizar essa denominação, o locutor ganha tempo para reorganizar seu pensamento e conseguir completar sua mensagem de forma rápida. O locutor procura em seu repertório linguístico a palavra mais adequada para a situação (CASTELLANO, 2013).

Na obra *Heartstopper* é possível observar o uso do termo “tipo” como um preenchedor de pausa em situações de hesitação e, principalmente, nervosismo dos adolescentes. Alguns exemplos retirados da história são:

(1) “É um... tipo... vocês são só amigos ou...?” (OSEMAN, 2021, p. 227).

Nesse momento da história, Nick Nelson acaba de reencontrar Tara Jones, a garota por quem um dia se interessou. Na cena, ela conta ao garoto que é lésbica e apresenta sua namorada, além de notar o quão próximo Nick tem estado de Charlie Spring. A partir dos fatos apresentados, a adolescente utiliza a palavra “tipo” em meio a sua frase quando ela se mostra sem um termo ideal para o que gostaria de perguntar. O uso do vocábulo em conjunto com a escolha de palavras na sentença

demonstra a necessidade de um tempo maior para que Tara pudesse organizar sua linha de pensamento para, finalmente, perguntar a Nick o que desejava.

(2) “Você sabe que o Charlie é, tipo... meu melhor amigo?” (OSEMAN, 2021, p. 288).

A cena em que esse diálogo está inserido é, de maneira geral, uma das que demonstram o nervosismo marcante por parte de Nick Nelson, um dos protagonistas da história. Aqui, o adolescente tenta encontrar uma forma de falar com a mãe que Charlie é seu namorado. O uso da palavra “tipo”, na sentença utilizada como exemplo, é uma marca clara da insegurança sentida pelo garoto perante ao que precisava falar, é também uma das formas encontradas por ele de ganhar tempo e pensar em como contar o fato à mãe.

(3) “Hm... tipo... não precisa se...” (OSEMAN, 2022, p. 322).

No fragmento de diálogo apresentado, é possível observar o uso do vocábulo “tipo” como um preenchedor de pausa na fala de Charlie Spring. A cena que precede o diálogo mostra os protagonistas da história tendo, pela primeira vez, a oportunidade de dormirem na mesma cama, diante da situação apresentada, os personagens se mostram tímidos e nervosos. Ao utilizar o termo “tipo” como um preenchedor de pausa, é notório que o personagem busca um tempo maior para realizar a escolha de palavras, buscando a que melhor se adeque ao pensamento que visa expressar.

(4) “Mas eu quero... tipo... algum dia” (OSEMAN, 2022, p. 333).

Na cena em que o diálogo está inserido, Nick e Charlie, após se deitarem para dormir juntos e sozinhos pela primeira vez, conversam sobre ainda não estarem prontos para fazer algo a mais do que se beijarem. Conforme a conversa vai adquirindo um tom vergonhoso e faz com que a timidez entre os garotos aumente, as falas se tornam entrecortadas, como quem precisa de um tempo ágil para pensar suas palavras e adequarem ao que necessitam falar. O trecho exemplificado é um dos momentos em que Charlie utiliza o termo “tipo” como um preenchedor de pausa para buscar, de forma rápida, o termo “algum dia” para referenciar o futuro.

(5) “Hm... tipo, estou apaixonado por você” (OSEMAN, 2022, p. 8).

Esse fragmento serve como exemplo, é uma parte da cena, na qual Charlie Spring está ensaiando uma maneira de se declarar para o namorado, Nick Nelson. Nota-se a partir da cena apresentada o nervosismo do personagem, seja pelos trechos os quais precedem a fala exemplificada, pelos que sucedem ou, até mesmo,

pela disposição dos quadros neste momento. Portanto, nesse caso, o termo “tipo” é utilizado como uma maneira de expressar verbalmente a ansiedade do personagem para, finalmente, se declarar.

A partir dos exemplos apresentados, é possível observar o funcionamento do termo “tipo” como um preenchedor de pausa. Nas frases, o informante se vê sem uma maneira para continuar as frases que iniciou e, portanto, faz o uso do recurso linguístico mencionado para reorganizar sua linha de raciocínio ou buscar por palavras de maneiras instantâneas que sejam adequadas antes de continuar com a informação a ser passada.

4.1.4 Foco metalinguístico

A classificação do termo “tipo” com foco metalinguístico, ou o que Stephen Levey (2006) chama de *hedging*, concerne ao uso do vocábulo como um marcador de comprometimento do falante com a mensagem que se deseja expressar. De acordo com os estudos do autor britânico, a função metalinguística do termo indica uma não-equivalência entre o vocábulo escolhido e outra expressão alternativa em potencial. Ou seja: o termo indica que a palavra escolhida para expressar o pensamento não é equivalente à real situação apresentada.

De acordo com Andersen (2001: 243), nesta função *like* indica ‘uma relação de não equivalência entre a expressão escolhida e uma potencial alternativa a ela’, então a expressão escolhida tem uma relação de similaridade com o que se pretende referir (ver Jucker e Smith 1998: 196). Observe o exemplo (36), no qual a criança descreve uma corrida na neve em que o *like* aparece para sinalizar que existe uma relação de não equivalência entre a expressão ‘*glasses*’ e o significado que o falante pretendia trazer: (36) ... *we was like James Bond cos we had like glasses on* [14H7/8] (LEVEY, 2006, p. 426, tradução nossa).³

Além disso, o vocábulo utilizado pode ser utilizado para prover os chamados “macroníveis organizacionais” (LEVEY, 2006). Desta forma, o termo atua como uma forma de garantir a continuidade entre elementos não naturalmente relacionados, como no exemplo proposto por Levey: “*they crashed into a plank like a tree*” (LEVEY, 2006, p. 427).

³ According to Andersen (2001: 243), in this function *like* indicates a relation of ‘non-equivalence between a chosen expression and a potential alternative one’ so that the chosen expression has a similarity relationship to what it is intended to refer to (see Jucker and Smith 1998: 186). Consider example (36), in which a child is describing a race in the snow, where *like* appears to signal that there is a relationship of non-equivalence between the expression ‘*glasses*’ and the speaker’s intended meaning: (36) ... *we was like James Bond cos we had like glasses on* [14M7/8] (LEVEY, 2006, p. 426).

No conjunto de obras britânicas *Heartstopper*, pode-se encontrar o vocábulo “tipo” sendo utilizado dessa maneira pelos personagens em diversas situações. Alguns exemplos retirados dos livros são:

(1) “Por que ele me dá oi todo dia? Será que está me zoando? Tipo os caras que faziam bullying comigo ano passado? Ele só deve estar tirando uma com a minha cara. Por que falaria comigo? Nem está no meu ano. Deve achar que vou dar em cima dele ou algo assim...” (OSEMAN, 2021, p. 20).

A cena em que essa sentença está inserida apresenta o protagonista Charlie Spring em um momento de nervosismo após Nick Nelson começar a se aproximar dele na escola. O garoto se sente inseguro devido à repentina aproximação e, em indagação, se pergunta se Nelson seria como os valentões que o perturbavam antes. O uso do vocábulo “tipo” nessa cena se encaixa como uma forma de expressar a comparação mentalmente realizada e, ainda, relacionar as sentenças anteriores à essa.

(2) “Até evito ver meus outros amigos, tipo eles são irritantes e ficar com eles me estressa.” (OSEMAN, 2021, p. 280).

O fragmento retirado de uma espécie de diário escrito por Nick Nelson é uma representação do uso do termo “tipo” com foco metalinguístico. No contexto da cena, o personagem conta como foi passar um dia com o novo amigo, Charlie, e relembra de seus outros amigos. O uso do foco metalinguístico na cena relaciona à ligação entre sentenças que era necessária para completar o fluxo de pensamento do adolescente, aqui, ocorre uma espécie de comparação entre o sentimento que o protagonista sente quando está perto de Charlie e o que sente quando está com seus outros amigos.

(3) “ENFIM, não precisa resolver isso, tipo, agora. Não acordei um dia e falei ‘AH, OLHA SÓ, acho que agora eu sou gay!’” (OSEMAN, 2021, p. 63).

Em uma conversa sobre sexualidade, na qual Nick está se descobrindo bissexual, Charlie é quem diz a frase que serve de exemplo para a análise. O uso do “tipo”, nessa sentença, tem a função de não-equivalência entre os termos, ao dizer que o, até então, amigo não precisava entender sua sexualidade naquele momento exato e que, na verdade, poderia levar o tempo que lhe fosse necessário, Spring utiliza o vocábulo “tipo” seguido pelo termo “agora” para passar a mensagem de maneira alternativa e que se encaixe com a relação que construíam naquele momento.

(4) “Tipo, foi só nessa hora que ele se deu conta que eu também gosto dele” (OSEMAN, 2021, p. 304).

Em mais um fragmento do diário de Nicholas Nelson, é possível encontrar o termo “tipo” sendo usado como um foco metalinguístico. No contexto utilizado, Nick, agora, já namorado de Charlie, expressa os sentimentos e as descobertas dos dois após as declarações. Para essa frase, o termo “tipo” tem como principal função o desencadeamento de fatos, está ali para servir à organização e dar continuidade às ações e aos pensamentos dos personagens.

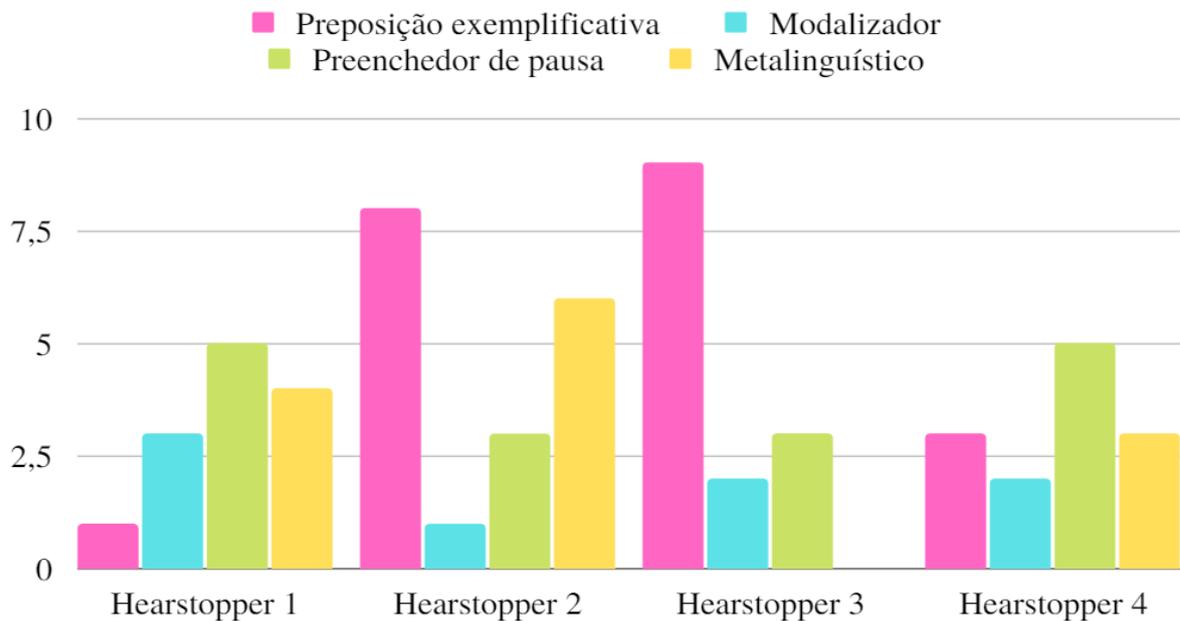
(5) “Faz tipo uma hora que você tomou café da manhã!” (OSEMAN, 2022, p. 26).

No diálogo entre Elle e Tao, dois adolescentes amigos dos protagonistas de *Heartstopper 4: de mãos dadas*, acerca da refeição feita pela mãe da garota, o termo “tipo” marca a sentença. O vocábulo, nesse contexto, tem a função de delimitar de forma aproximada a marcação temporal, funcionando, assim, como uma ferramenta de foco metalinguístico devido à não-equivalência total entre o termo utilizado e a realidade.

Fundamentado pelos exemplos e pela teoria de Levey (2006), entende-se que o termo “tipo” pode assumir a função metalinguística, ou *hedging*, quando o locutor tem o desejo de expressar uma informação, mas não tem clareza o suficiente para encontrar termos equivalentes na língua. Além disso, de acordo com a teoria utilizada para a análise, o termo ainda pode ser utilizado como uma maneira de organização da sentença e de seus elementos.

4.2 Ocorrências dos vocábulos

A partir do que foi exposto, é perceptível que o vocábulo “tipo” é falado de forma natural pelos adolescentes, tanto que no levantamento apareceu 64 vezes, porém, nesta pesquisa, nos atentamos ao uso de 54 “tipo”, sendo eles categorizados no gráfico a seguir:

Gráfico 1 – Número de ocorrências dos vocábulos

Fonte: Elaborado pelas autoras.

De acordo com os dados apresentados, é notório que a classificação que mais se sobressai, é a função de “tipo” como preposição exemplificativa, ao todo essa função aparece 21 vezes – cerca de 36,2% dos livros; em segundo lugar, o “tipo” como preenchedor de pausa, a autora utiliza essa função cerca de 16 vezes, aparece em 27,6% dos livros; em seguida, temos a função metalinguística, com 22,4% uso do “tipo”, tal função aparece 13 vezes no decorrer dos livros; e por fim, a função modalizadora, que aparece em 13,8% ao longo do livro, um equivalente de oito usos do “tipo”. Vale mencionar que nenhuma função foi utilizada mais de oito ou nove vezes em cada livro, todas elas foram distribuídas de forma não muito equitativa, como é perceptível pelo gráfico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou apresentar a maneira que o vocábulo “tipo” é utilizado na fala dos adolescentes por meio das obras da Alice Oseman – *Heartstoppers*, a pesquisa teve o intuito de provar que “tipo” é usado até mesmo na linguagem estrangeira, sendo seu equivalente “like”.

Dada a análise, foi possível identificar que a gramática normativa não contempla todas as funções empregadas pelo “tipo”. Apesar de ganhar notoriedade e assumir diferentes usos, muitos deles variando de acordo com a fala dos adolescentes, levando em conta sua realidade, seu ciclo de amizades, sua idade etc. O uso do “tipo” está intrinsecamente ligado às intenções comunicativas, o que acaba modificando a forma como os adolescentes se interagem.

Na gramática descritiva, como a de Bagno (2012), “tipo” pode ser considerado como advérbio, porém, o teórico ressalta, ainda, que seu uso ganhou notoriedade na gramaticalização. Lima-Hernandes (2005) e Castelano (2013) investigaram a fundo os usos do “tipo”, mesmo que suas classificações sejam parecidas muitas das vezes, foi de extrema importância reconhecer os usos dos vocábulos estudados.

Como já mencionado, o autor da gramática tradicional escolhida, *Novíssima gramática da língua portuguesa*, sequer menciona o vocábulo “tipo” em seus escritos. Logo, a maioria dos gramáticos mais conceituados não consideram “tipo” uma parte importante da língua portuguesa, ignoram as situações reais da fala e raramente mencionam o uso do “tipo”, e quando mencionam, há poucos exemplos.

Tanto nas gramáticas normativas, quanto nas gramáticas descritivas não há exemplos para demonstrarmos as situações comunicativas, até porque os autores não consideram as variedades do uso de “tipo” da língua falada, mas apenas “tipo” na modalidade escrita, como substantivo ou como advérbio.

Para a análise dos dados, foram escolhidos quatro usos do “tipo”, sendo eles: preposição exemplificativa, modalizador, preenchedor de pausa e foco metalinguístico. Quando analisados, foi possível perceber que os vocábulos exercem as funções categorizadas, entretanto, exercem a função de substantivo classificador em pouquíssimas aparições ao decorrer das quatro obras, aqui, analisadas.

Em suma, a função mais utilizada pelas personagens é a função de “tipo” como preposição exemplificativa, tal função ocupa 36,2% dos vocábulos analisados. Seu papel discursivo é exemplificar e restringir o foco da sentença e a atenção do

interlocutor à mensagem que o sucede, mantendo o interlocutor preso ao sentido determinado pelo locutor.

As regras gramaticais não acompanham o uso da língua, tendo seu foco estritamente voltado à escrita. Os estudos das regras gramaticais precisam estar ligados ao uso efetivo da língua, de forma que o aluno desenvolva as habilidades linguísticas. O adolescente precisa considerar as inúmeras possibilidades de criar uma conversa, é necessário que o aluno conheça e valorize as variedades linguísticas.

Os adolescentes precisam se sentir estimulados por nós, professores, precisamos mostrá-los a rica diversidade que o português brasileiro possui. Precisam, também, que suas vozes, suas falas sejam respeitadas e sejam estudadas, não apenas como um desvio da norma-padrão, tidas como erradas. O português brasileiro, como uma língua viva e diversa, não deve trazer os novos termos utilizados, especialmente, pela população jovem como errado ou como algo que “destrói” o idioma.

Para que isso se efetive, as pesquisas que descrevem sistematicamente os aspectos sociais de uma comunidade de falantes devem ser trazidos ao adolescente, com o intuito de que o jovem compreenda a estrutura da língua, seja para detectar as diferenças entre as camadas socioculturais, seja por meio de observação da variedade linguística.

Quando for levado em consideração as diretrizes norteadoras do ensino de língua portuguesa, não é função do professor recuperar as formas da linguagem com os adolescentes, mas sim, mostrar a pluralidade das variedades da língua. Como Bagno (2012) cita: o uso do “tipo” é algo

[...] característico de uma geração de falantes mais nova [...] esse emprego é repellido e até condenado pelos falantes mais velhos que, no entanto, usam o ‘assim’ (e também o ‘ai’ e o ‘então’) com a mesma intensidade com que seus filhos e netos usam ‘tipo’ (BAGNO, 2012, p. 848).

Nesse ensejo, sempre haverá o preconceito de pessoas mais velhas com a fala de pessoas mais novas, cabe, portanto, aos professores, ensinar a rica pluralidade de opções da língua portuguesa, mostrando que “tipo” não é apenas um marcador linguístico que deve ser ignorado, e até mesmo, deve ser evitado, devemos orientá-los, de modo que seu uso não se torne um vício de linguagem.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BAGNO, M. Norma linguística, hibridismo & tradução. **Traduzires**, Brasília, v. 2, n. 2, p. 19-32, maio 2012. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/10546/1/ARTIGO_NormaLinguisticaHibridismo.pdf. Acesso em 28 out. 2022.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.
- BRASIL. **Marco legal: saúde, um direito de adolescentes**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2007.
- CASTELANO, K. L. **Uma abordagem dos vocábulos “assim”, “tipo” e “tipo assim” e suas implicações para o ensino de língua portuguesa**. 2013. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2013. Disponível em: http://www.pgcl.uenf.br/arquivos/dissertacaokarinelobocastelano_030920191552.pdf. Acesso em: 22 out. 2022.
- CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Nacional, 2000.
- COELHO, I. L. *et al.* **Para conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.
- COELHO, I. L. *et al.* **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.
- DROP GOAL. *In: VOCABULÁRIO Ortográfico da Língua Portuguesa*. 2022. Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>. Acesso em: 19 jan. 2023.
- LEAL, A. R. S.; MORAIS, J. J. As variedades de prestígio e estigmatizadas no ensino de língua portuguesa. *In: AS JORNADAS INTERDISCIPLINARES DE HISTÓRIA E LETRAS*. Rio Grande do Norte, 2017, Quixadá. **Anais [...]**. Ceará: Universidade Estadual do Ceará, 2017. Disponível em: http://uece.br/eventos/jihlfeclesc/anais/trabalhos_completos/363-48944-07112017-204117.pdf. Acesso em: 3 fev. 2023.
- ETTO, R. M.; CARLOS, V. G. Sociolinguística: o papel do social na língua. **Revista Anhanguera**, Goiânia, v. 16, n. 1, p. 15-24, 2017. Disponível em: https://anhanguera.edu.br/wp-content/uploads/02_sociolinguistica_o_papel_do_social_na_ling.pdf. Acesso em: 23 abr. 2022.
- FERREIRA, A. B. H. **Aurélio Júnior**: dicionário escolar da língua portuguesa. 2. ed. Curitiba: Positivo, 2011.

FERREIRA, T. H. S.; FARIAS, M. A.; SILVARES, E. F. M. Adolescência através dos séculos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 26, p. 227-234, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/MxhVZGYbrsWtCsN55nSXszh/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 28 out. 2022.

FIORIN, J. L. (org.). **Linguística? Que é isso?** São Paulo: Contexto, 2013.

FREITAG, R. M. K. Marcadores discursivos não são vícios de linguagem!. **Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura**, Sergipe, v. 4, n. 4, p. 22-43, jul/dez. 2007. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/1091/929>. Acesso em: 1º out. 2022.

FOLETTTO, D. A. B. et al. A dinamicidade e poder da língua: uma reflexão sociolinguística sobre a linguagem gíria marginal. **Web Revista Sociodialeto**, [s.l.], v. 10, n. 29, p. 129-136, 2019. Disponível em: <http://sociodialeto.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/237/222>. Acesso em: 23 abr. 2022.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo. Parábola Editorial, 2008.

LEVEY, S. The sociolinguistic distribution of discourse marker like in preadolescent speech. **Multilingua - Journal Of Cross-Cultural And Interlanguage Communication**, [s.l.], v. 25, n. 4, p. 413-441, 1 jan. 2006. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/MULTI.2006.022/html>. Acesso em: 7 jul. 2022.

LIMA-HERNANDES, M. C. P. **A Interface Sociolingüística/Gramaticalização: estratificação de usos de *tipo*, *feito*, *igual* e *como*: sincronia e diacronia**. 2005. Tese (Doutorado) - Instituto de linguagens, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

TIPO. In: DICIONÁRIO MICHAELIS: DICIONÁRIO Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2022. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/tipo/>. Acesso em: 2 out. 2022.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

NEVES, M. H. M. **Texto e gramática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

ORGANIZACION MUNDIAL DE LA SALUD. **Problemas de la salud de la adolescencia**. Ginebra: [S.n.], 1965. Disponível em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/38485/WHO_TRS_308_spa.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 28 out. 2022.

OLIVEIRA, E. V. M.; BARONAS, J. E. A. A identidade adolescente e a variação linguística. **Polifonia**, Cuiabá, v. 18, n. 23, p. 193-208, 2011. Disponível em:

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/30>. Acesso em 28 out. 2022.

OSEMAN, A. **Heartstopper**: dois garotos, um encontro. Tradução de: Guilherme Miranda. São Paulo: Seguinte, v. 1, 2021.

OSEMAN, A. **Heartstopper**: minha pessoa favorita. Tradução de: Guilherme Miranda. São Paulo: Seguinte, v. 2, 2021.

OSEMAN, A. **Heartstopper**: um passo adiante. Tradução de: Guilherme Miranda. São Paulo: Seguinte, v. 3, 2022.

OSEMAN, A. **Heartstopper**: de mãos dadas. Tradução de: Guilherme Miranda. São Paulo: Seguinte, v. 4, 2022.

OUSHIRO, L. Conceitos de identidade e métodos para seu estudo na sociolinguística. **Estudos linguísticos e literários**, Salvador, n. 63, p. 304-325, 3 out. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/33777/19507>. Acesso em: 2 out. 2022.

PEREIRA, P. Interseções epistemológicas entre o estruturalismo inatista de Chomsky e o estruturalismo sistêmico de Saussure. **Revista Tabuleiro de Letras**, Salvador, v. 8, n. 2, p. 31-48, dez. 2014. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/1101>. Acesso em: 1º out. 2022.

PÉRISSÉ, H. **O diário de Tati**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

RÚGBI. In: VOCABULÁRIO Ortográfico da Língua Portuguesa. 2022. Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>. Acesso em: 19 jan. 2023.

SANTAELLA, L. **Comunicação e pesquisa**: projetos para mestrado e doutorado. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SILVA, E. V. A pesquisa sociolinguística: a teoria da variação. **ABRAFIL**: Academia Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro, v. 3, n. 10, p. 49-57, 2011. Disponível em: www.filologia.org.br/abf/rabf/9/049.pdf. Acesso em: 22 abr. 2022.

TEIXERA, M.; FLORES, V. N. (org.). **O sentido na linguagem**: uma homenagem à professora Leci Borges Barbisan. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

VANIN, A. A. Considerações relevantes sobre definições de 'comunidade de fala'. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, Maringá, v. 31, n. 2, p. 147-153, 6 out. 2009. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/6367/6367>. Acesso em: 30 set. 2022.

VELOSO, R. As três ondas da sociolinguística e um estudo em comunidades de práticas. In: CONGRESO INTERNACIONAL ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y

FILOLOGÍA DE AMÉRICA LATINA, 17., 2014, João Pessoa. **Anais [...]**. Paraíba: Universidade Federal da Paraíba, 2014. p. 1-10. Disponível em: <https://www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R1026-1.pdf>. Acesso em: 15 set. 2022.